ILUSTRAÇÃO

N.º 267 — 12.º ano

1-FEVEREIRO-1937

PREÇO - 5 escudos

O mundo na mão

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

Á VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 3o - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A apólice de seguro contra dores:

É um tubo original com comprimidos de Cafiaspirina! Levando sempre consigo alguns comprimidos de Cafiaspirina poderá libertar-se rapidamente de muitos incómodos e dôres. Na sua casa, porem, deve existir sempre um tubo completo que só custa 13$00. Cada comprimido contido naquele tubo é remédio eficaz de tantas espécies de dores, que esta "apólice de seguro contra dores" deve sempre existir na sua casa e na sua algibeira

BAYER

Cafiaspirina

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem arthritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos
Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — **Alexandre Herculano,** um volume. — **Antero de Figueiredo,** um volume. — **Augusto Gil,** um volume. — **Camões lírico,** cinco volumes. — **Eça de Queirós,** dois volumes. — **Fernão Lopes,** três volumes. — **Frei Luís de Sousa,** um volume. — **Guerra Junqueiro,** verso e prosa, um volume. — **João de Barros,** um volume. — **Lucena,** dois volumes. — **Manuel Bernardes,** dois volumes. — **Paladinos da linguagem,** três volumes. — **Trancoso,** um volume.

Cada volume brochado. . . . . . **12$oo**
Cada volume encadernado. . . . **17$oo**

Pedidos à **Livraria Bertrand**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Ela Luta Para Conservar O Amor de seu Marido

«Não há homem que mereça que lutemos para o conservar» — declara-o uma célebre estrêla de cinema. No entanto milhares de espôsas não são dêste parecer. Observam com terror os primeiros olhares de atenção que seus maridos dispensam a uma outra senhora. Mas ver-se ão a um espelho, preguntando se isso não será um pouco por sua causa?

E' tudo quanto há de mais natural, para um homem, admirar uma pele clara e aveludada, um rosto fresco e juvenil. Logo que uma senhora veja formarem-se rugas e estragar-se a sua beleza, pode, fàcilmente, readquirir o encanto de rapariga que atraiu os olhares de seu marido. Aplique simplesmente, tôdas as noites, antes de se deitar, um pouco de Créme Tokalon, Côr de Rosa. Actua sôbre os tecidos enquanto V. Ex.ª dorme — reduz os musculos enfraquecidos do rosto, apagando as rugas e rejuvenescendo a pele. Veja o seu rosto, de manhã, e observe a transformação. Para o dia, aplique o Créme Tokalon, Côr Branca (não gordiuroso). Branqueodor, tónico e adstringente, suprime os poros dilatados, pontos negros e tôdas as imperfeições do rosto. Êste tratamento «combinado» de rejuvenescimento conquistou o amor de mais de um marido, numa ocasião em que tôdas as outras cousas tinham falhado. São garantidos resultados felizes, ou então, o dinheiro ser-lhe-á restituido.

O Créme Tokalon vende-se em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa, — que atende na volta do correio.

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

Á VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da païsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

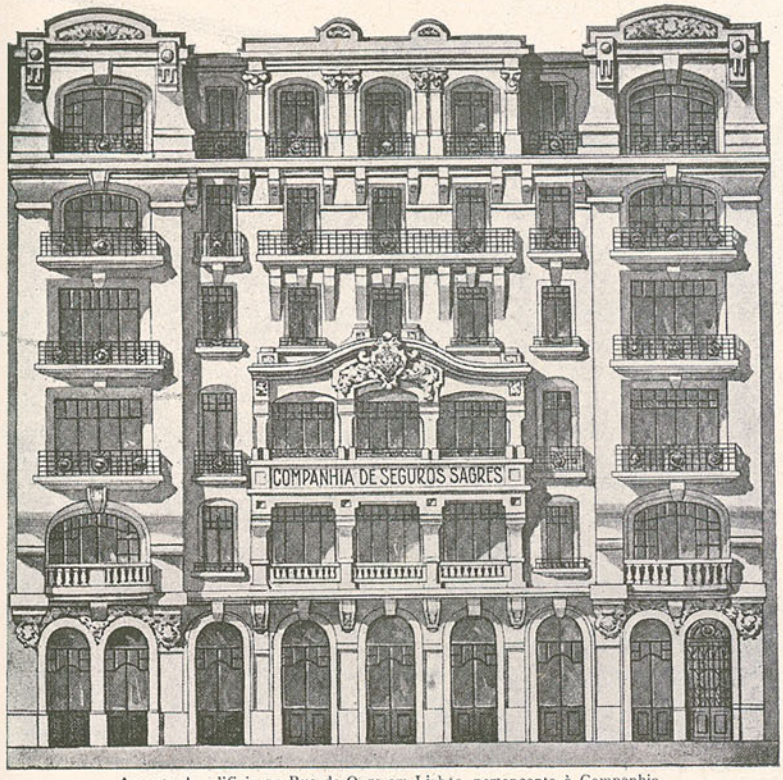
Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96$00
Estudos sôbre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30$00
Composições várias — 374 páginas, brochado..... 10$00
Poesias — 224 páginas, brochado..... 10$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20$00
Opúsculos:
Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
» II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
» III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
» IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
» V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
» VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
» VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
» VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
» IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
» X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
Cada volume, brochado..... 10$00
Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12$00

Com encadernação em percalina, mais 5$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisbôa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA
TELEFONES 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em tôdas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

ESTÁ À VENDA A
7.ª EDIÇÃO — 11.º milhar

LEONOR TELES
"FLOR DE ALTURA"

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. . . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.ª edição

BERNARDES
DA ANTOLOGIA PORTUGUESA
Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00
Pelo correio à cobrança Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

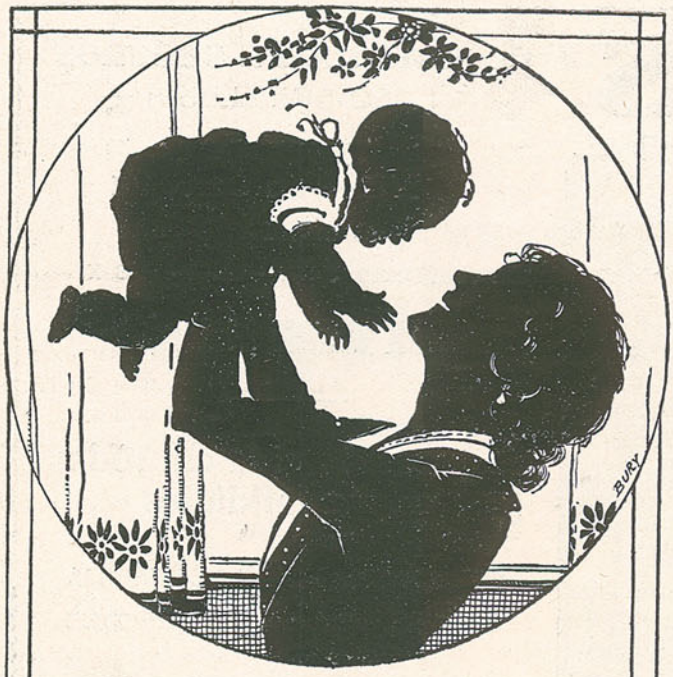
A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis,, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**,, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA



Os bébés amamentados são os mais felizes e saudaveis

Todas as mãis que amamentam deviam tomar

'OVOMALTINE'

porque teriam a certeza de poder amamentar o seu filhinho

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata

DR. A. WANDER S. A. — BERNE

ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:

ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

ACABA DE APARECER

ORAÇÕES E CONFERÊNCIAS

DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

1 vol. de 176 págs., broch. . . . . **8$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **9$00**

À venda em tôdas as livrarias

■

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

Á venda a 3.ª edição de

Neves de Antanho

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. Desculpa de uns amores. — A filha de Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança, mais 2$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
●
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535
N.º 267 — 12.º ANO
1-FEVEREIRO-1937

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CARNAVAL! CARNAVAL!

CHEGOU o Carnaval com o seu cortejo de foliões, esgarçando aquele mesmo riso alvar que, noutros tempos, era premiado com ovos chocos, punhados de grão, *cocottes* de areia e até bisnagadelas de água mal cheirosa!

Belos tempos êsses! É que, em boa verdade, não deixava de ser divertido ver um chéché porcalhão recolher a casa com um ôlho deitado abaixo, os ossos num feixe, os trapos encharcados de imundícies — mas divertidíssimo!

Os povos gostavam de manter as tradições remotas que lhes ensinavam os mesmos esgares com que os "israelitas — no dizer do nosso Padre António Vieira — se manifestavam contra Moisés, num tumulto de Carnaval».

Ainda somos do tempo em que o Carnaval servia para a apresentação de sátiras contundentes contra as mais altas figuras do País, desempenhadas com mais ou menos arte por entre o desfilar chocarreiro das cègadas.

Onde tudo isso vai já!

Hoje, o Carnaval apresenta-se mais limpo, mais correcto, mais delicado. Barbeou-se com esmero, e calçou luvas finíssimas de boa procedência. Atira cortezmente uma serpentina à dama que lhe encandeou a vista cubiçosa do enamorado — e assim ficam lançados os alicerces dum casamento mais ou menos próximo.

Já lá vai o tempo em que as damas mais recatadas se entretinham a escrever quadras mal cheirosas na concha de colheres de pau adornadas com laços de fitilho azul celeste. Hoje permutam saquinhos de bonbons baratos, e pacotezinhos de serradurra com embalagem de papel doirado.

Pode talvez dizer-se que, actualmente, o Carnaval se normalizou. Os folguedos desabridos acabaram, e os disfarces que tanto nos intrigavam desapareceram para sempre...

As mulheres nestes dias já não afivelam máscaras ao rosto lindo, visto ser preferível maquilhá-los durante o ano inteiro, segundo as mais complicadas instruções do seu Instituto de Beleza.

Esta senhora é pálida, mesmo duma palidez mortal? Tudo se remedeia com um pouco de *rouge* que, disfarçado com uma passagem de pó de arroz, torna a dama possuidora de côres sàdias e atraentes.

No entanto, qualquer dama do nosso tempo, ao contemplar o retrato da sua avòzinha que ostentava um avantajado *tournure*, a fazer-lhe tufar as saias, não deixará de sorrir desdenhosamente.

É certo que a sua avòzinha exibia os postiços em moda para fazer acreditar em encantos que, na realidade, não existiam! Mascaravam-se no contínuo carnaval da sua existência.

Mas, hoje como ontem, e já agora como sempre, essa mascarada há de continuar permanentemente a percorrer o Mundo inteiro.

Lábios rubros? Como são perigosos hoje!

Se noutros tempos, o atrevido Paolo pagou bem caras o par de beijocas que trocou com a sua querida Francesca, no presente momento os beijos não são menos arriscados, pois deixam os sinais denunciadores do *bâton*.

E aquele que estiver isento dêste delicioso pecado, venha atirar-nos a primeira pedra.

Ah! Carnaval! Carnaval! Se não és eterno, hás de ter, pelo menos, a duração do Mundo!

O Mundo do ano de 2250

SEGUNDO as estatísticas o número de nascimentos em todo o Mundo é superior aos óbitos. Daí se conclui sem grande esfôrço que, dentro de certo praso, embora distante, a superfície do globo terrestre será insuficiente para conter os seus moradores.

Ora, a população total do Mundo é de 1.705 milhões de habitantes e encontra-se assim dividida:

Europa, 456 milhões; Ásia, 900; África, 140; América, 200, Oceania, 9.

Todos êsses milhões de seres se agitam na luta infatigável pela vida, tal como nos tempos pre-históricos, embora com a mal merecida fama de povos civilizados, visto que a ânsia de progredir, mesmo com o prejuizo e até o extermínio dos seus semelhantes, é a mesma dos tempos de Nabucodonosor ou de Tamerlão.

Melhor ou pior, a humanidade vai cumprindo a sua missão de viver, odiando a guerra, mas desejando um bem-estar que pode ser conquistado, seja qual fôr o seu preço...

Não é dos defeitos ancestrais dos habitantes do Mundo que desejamos tratar, mas do alojamento de todos êsses seres viventes que se vão multiplicando com o rodar dos séculos.

Talvez ninguém pensasse ainda nisto a sério, visto que só daqui a muitos anos se realizará a nossa previsão... se o Sol não arrefecer antes.

Será então uma calamidade!

É curioso observar que em 1810 o Mundo tinha 682 milhões de habitantes, e que, dezoito anos depois, êste número se elevava a 847 milhões. Em 1845 verificava-se uma população de 1.009 milhões que em vinte e nove anos se elevava a 1.391. Doze anos depois, isto é, em 1886, o número de habitantes da Terra era de 1.483 milhões.

Assim, a população total do Mundo foi aumentando gradualmente desde 1810 a 1886, até atingir mais do dôbro.

Por meio duma singela proporção, é fácil de apurar o aumento que corresponde a cada um dos quatro períodos acima indicados:

De 1810 a 1828 deu um aumento de 12 por mil ao ano; de 1828 a 1845, um aumento de 10 por mil ao ano; de 1845 a 1874, um aumento de 11 por mil ao ano; de 1874 a 1886, um aumento de 6 por mil ao ano.

Vê-se que o maior aumento correspondia ao primeiro período de 1810 a 1828, pois que o último (1874 a 1886) acusa apenas um aumento equivalente a metade do primeiro, o que se torna bastante significativo.

Como média, poderemos aceitar o aumento de 10 por mil, ou seja o de 1 por cento de aumento anual.

Rebuscando as antigas estatísticas, vemos que a Inglaterra e Irlanda, tendo, em 1800, a população de 15 milhões, cinqüenta anos depois tinha 27,5 e, em 1890, êste número elevava-se a 37,5. Actualmente tem 46.041.000 habitantes.

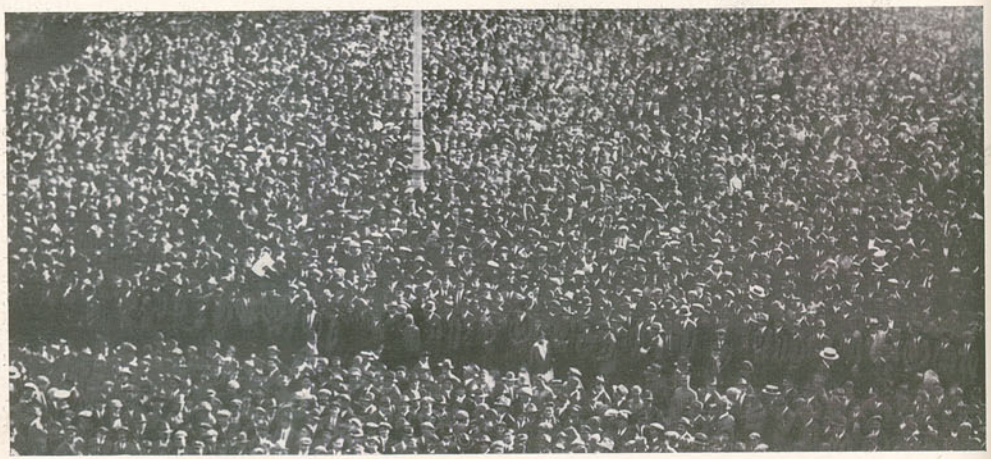
A França, que em 1800 tinha 27,5 milhões; 36 em 1850, e 38,5 em 1890, tem hoje 41.834.923.

A Alemanha, que tinha em 1800 a população de 23 milhões; 35 em 1850, e 49 em 1890, possui hoje 65.335.879.

A Itália, que possuia em 1800 uma população de 17 milhões; 24 em 1850, e 30 em 1890, tem hoje 41.176.671.

A Rússia, que em 1800 tinha 35 milhões; 68 em 1850, e 92 em 1890, possui actualmente 113.650.900.

O aspecto permanente dos descampados



« CRESCEI... MULTIPLICAI-VOS! »

QUANDO FICARÁ CHEIO O MUNDO?

As populações aumentam sempre de ano para ano

A Espanha, que em 1800 tinha 10,5 milhões; 14,5 em 1850, e 17,5 em 1890, possui hoje 24 milhões.

Portugal, que em 1854, tinha uma população, (no Continente, na Madeira e nos Açores) de 3.844.119; em 1890, de 5.049.729; em 1900, de 5.423.132; em 1911, de 5.960.056; em 1920, de 6.032.991, possui hoje 6.825.883.

Os Estados Unidos da América que, em 1800, tinham 5,5 milhões, 23 em 1850, e 62,5 em 1890, tem hoje 122.775.000.

Causa admiração êste aumento dos Estados Unidos da América, visto que em 1800, sendo uma nação de população tão exígua, noventa anos depois só a Rússia a suplantava!

No entanto, êste aumento pode ser explicado pela extraordinária imigração de europeus, motivada, em grande parte, pelas perseguições políticas e religiosas tão freqüentes no século passado.

Segundo uma curiosa estatística elaborada em 1900, a densidade de população em vários países era, por milha quadrada, de 15 habitantes na Rússia, de 21 nos Estados Unidos, de 95 na China, de 96 na Espanha, de 186 na França, de 263 na Alemanha, de 289 na Itália, de 339 na Inglaterra, de 411 na Holanda, de 572 na Bélgica.

Já nesse tempo, tanto a Holanda como a Bélgica, lutavam com falta de espaço. E assim se explica que os holandeses tivessem concebido o grandioso projecto de secar o Zuiderzee, com o que conseguiram ganhar cêrca de 2 mil quilómetros quadrados de superfície.

Pregunta-se agora: quando estará cheio o Mundo?

Esta pregunta depende de outra: que extensão superficial é indispensável ao homem para poder atender a tôdas as suas necessidades? Fixemo-la numa milha quadrada por mil habitantes, isto é, uma densidade de população equivalente ao dôbro da manifestada pela Bélgica há trinta e tantos anos. Êste espaço reservado a cada indivíduo seria de 220 metros quadrados, o que representaria uma verdadeira miséria, se fôr tido em conta que nisto está compreendido o espaço destinado aos trabalhos agrícolas, construção de edifícios, jardins, estradas, caminhos de ferro, etc.

A vida custa a passar!

Supondo agora que a população total do Mundo aumente sempre na mesma proporção seguida até hoje, isto é, de uma pessoa por cada mil, anualmente, obteremos o seguinte resultado:

Se em 1900 a população mundial era de 1600 milhões de habitantes, que dava a densidade de 31 por milha quadrada, no ano de 2000 os habitantes da Terra serão 4.328 milhões, o que dará uma densidade de 83.

No ano de 2100 haverá uma população de 11.706 milhões, que virá provocar uma densidade de 225.

No ano de 2200 o número dos habitantes do Mundo elevar-se-á a 31.662 milhões, com uma densidade de 609.

Finalmente, no ano de 2250 a população do Mundo será de 52.073 milhões de pessoas, ficando a densidade em 1.001.

E então o Mundo ficará cheio!

Calculando que existem 52 milhões de milhas quadradas de terra habitável no Mundo, e que ficou estabelecido o número de mil pessoas por milha, nessa data, isto é, no ano de 2250, o globo terrestre ficará sem lotação para mais gente. Mas como o Mundo não cessará de girar e o género humano de seguir o conselho de Jehovah que o manda "crescer e multiplicar-se", virá um dia em que a superfície da Terra seja completamente coberta por uma multidão compacta, desesperada e ululante.

Restará a esperança de que as guerras, as pestes, os grandes cataclismos surjam, de vez em quando, a mondar a humanidade com uma crueldade tão implacável como necessária. E então a Morte, a implacável Morte que tanto horroriza o género humano, passará a ser uma fada encantadora a dar sossego ao Mundo com a sua varinha de condão.

A multidão por tôda a parte!

RAINHAS DE BELEZA

M.elle Soukarés — Miss Universo — 1888

Como é sabido, o título de "Miss Europa 1936„ foi conquistado pela espanhola Antonita Arqués. A perpétua ironia das coisas e dos seres parece comprazer-se, por vezes, nos mais estranhos contrastes. "Miss Espanha„ é aclamada triunfadora no grande certame de Tunis, enquanto a sua pátria se debate numa luta encarniçada e sangrenta.

E' difícil a missão do júri em semelhantes concursos. O próprio Páris, que a mitologia nos apresenta como o primeiro que andou metido em tais assados, devia ter dado ao diabo a cardada, mais a ideia que Júpiter tivera em o arvorar em juiz dêsse primeiro concurso de beleza. Está-se mesmo a vêr que o supremo pai dos deuses não quis assumir a responsabilidade da escôlha, pois bem sabia de que fôrça eram as concorrentes.

O certo é que o Páris lá se desenvencilhou o melhor que pôde e soube, dando o pomo áureo à Miss Olimpo que melhor lhe pareceu.

Tudo isto se desvaneceu na penumbra dêsses tempos fabulosos, e não mais se pensou em concursos de beleza, partindo-se do princípio de que tôdas as mulheres eram igualmente formosas, e dotadas de encantos e atractivos.

Antonita Arqués — Miss Europa — 1936

Um dia, houve quem se lembrasse de repetir a cena mitológica, e a ideia foi acolhida com o maior entusiasmo.

Era preciso eleger a rainha da beleza universal.

Quando se realizou em Spa, êsse concurso de beleza, não se calcula as inúmeras dificuldades que foi necessário remover. Passava-se isto em Setembro de 1888.

O empreendimento era trabalhoso, mas dava compensações, visto que atraía muitos forasteiros ansiosos por admirar as 138 candidatas designadas para a prova eliminatória.

As prescrições do júri eram severíssimas: as jovens, devendo, antes de tudo, ter uma conduta exemplar, eram forçadas a não saír da casa em que se encontravam hospedadas. Mas, se por qualquer motivo imperioso, tivessem de saír, só o poderiam fazer com o rosto coberto por um véu espêsso e acompanhadas por uma pessoa de família. A' noite, tinham de comparecer no Kursaal, onde, sentadas, separadas da multidão, e bem em evidência, davam a impressão de estar numa montra.

Os membros do júri, misturados com o público, iam notando as impressões dos visitantes.

No dia 30 de Setembro, após numerosas sessões preparatórias e exames minuciosos, foram eliminadas quarenta, aguardando as noventa e oito restantes a decisão suprema para essa mesma noite, no Hotel de L'Europe. O grande salão do Hotel estava brilhantemente iluminado a gás. Uma grande divisória separava o público das concorrentes. Ao meio, sôbre um estrado, erguia-se um trono doirado, em que reinava a bela Fatma, a célebre bailarina oriental conhecida em todo o Mundo. Presidia, mas não concorria.

Quando o júri, após longo debate, voltou à sala, não se faz uma pequena ideia da ansiedade que ali reinava.

A' frente avançavam oito guardas suíços em trajo de gala, todos agaloados, calção de seda, meia branca, e bicorne na mão enluvada.

O presidente, barão de Mesnil, subiu à tribuna, e leu pausadamente:

— Primeiro prémio (5 mil francos) a M.elle Berthe Soukarés, crioula de Guadelupe. Marcou 440 pontos!

Miss Universo 1888 avançou ao proscénio afim de receber os aplausos da multidão.

Nisto, uma das concorrentes que ficara preterida, foi acometida por um tal acesso de nervos que se atirou à crioula vitoriosa, cuspindo-lhe na cara. A ofendida, que, pelo visto, não era para graças, socou tão valentemente a sua antagonista que os espectadores viram acrescentado o programa com um verdadeiro *match* de box!

O *Figaro* descrevia assim a triunfadora: "M.elle Soukarés apresentou-se com uma toilette côr de rosa clara, com saia recoberta de tule rosa. Tem 18 anos. E' uma loura com olhos negros, de aparência forte e duma estatura mais que média. A cabeça é encantadora„.

Quando contemplamos, hoje, alguns dos retratos dessas formosuras de há quarenta e oito anos, temos uma certa dificuldade em compreender que tivessem concorrido a um tal certame.

E' certo que a fotografia nesse tempo não estava tão aperfeiçoada como hoje, mas, ainda assim, consegue dar-nos uma ideia muito aproximada do quanto poderiam valer essas beldades.

E' curioso notar que as concorrentes enviavam o seu retrato ao júri e legendavam-no com todos os esclarecimentos que julgavam necessários. Alguns dêstes retratos pareciam verdadeiros prospectos de reclamo a qualquer género a lançar no mercado.

Enquanto uma se jactava de possuir umas faces rosadas e uns lábios vermelhos como cerejas, outra, naquela linguagem florida do século XIX, exaltava a beleza da sua pele assetinada e o comprimento da sua abundante cabeleira!

Como os tempos mudaram!

E, pelo que fica exposto, as formosuras seguiram-lhe também o exemplo.

RECORDAÇÕES E APONTAMENTOS

GUERRA JUNQUEIRO EM COIMBRA, HA 34 ANOS

Uma visita ao poeta em Vila do Conde

O curso de Direito de 1868-1873 celebrava em Coimbra o trigésimo aniversário da formatura. Era, pois, em 1903, na primavera. Guerra Junqueiro pertencia ao curso, e ia chegar à Cidade Universitária. Eu sabia que Orlando Marçal, seu patrício e da sua intimidade, com José Luís de Almeida e outros seus amigos, tinham ido esperá-lo à Estação Velha.

Aproximava-se a hora do banquete de confraternização. Um grupo de estudantes deambulava, palestrando, na Feira. Talvez só uma dúzia de rapazes, todos mais ou menos dados às boas letras — lembra-me do Carlos Amaro, do Campos Lima, do Gomes da Silva, de Cândido Guerreiro, de Pedro de Miranda e de Avelino de Brito.

Descemos, pela rua das Covas, até ao Largo da Sé Velha.

Ainda era dia.

O Restaurante José Guilherme, onde se realizava o ágape comemorativo, ficava em frente da velha catedral, face a face com a Porta Especiosa...

Dos nossos camaradas, que transitavam por ali (a Baixa é, ao caír da noite, invadida por a chusma académica da Alta, onde se janta às cinco da tarde...) íamos recrutando um e outro da nossa roda: eramos já um magote de rapazes, quando as carruagens começaram a chegar... Os bachareis formados de 1873 iam entrando. Pelo seu falario e desenvoltura, via-se bem que estes bachareis queriam dar-se ares de mocidade, além dos cinqüenta anos...

Mas o que queríamos nós? Parece-me que ùnicamente — ver passar Guerra Junqueiro!

Chegou tarde; já o banquete findava.

Nunca o tínhamos visto, mas reconhecêmo-lo pelos retratos...

Eu fiquei snrpreendido. O Gigante era um homemzinho de pequena estatura, de cabeça pequena, com um chapeu pequenino; só as barbas eram grandes. Mas os olhos? Passou por nós, e mal nos lançou a vista: das suas pupilas, porém, dir-se-ia que se desprendera um relâmpago. A pequena cabeça era um Sinai: lá dentro flamejava a sarça ardente, a inspiração trovejante do novo decálogo poético, que desencadeára em nossas almas a tempestade revolucionária.

Ali ficámos: e não sei de quem foi a idea dum cortejo, em que o reconduzíssemos ao Hotel onde se aposentara.

Assim foi: apenas êle saiu, arrancámo-lo aos braços dos seus condiscípulos, e levámo-lo.

Eram já centenas de capas negras, à sua volta. Para evitar a calçada de Quebra-Costas, descemos pela rua Joaquim António de Aguiar à Estrêla, e da Estrêla à Portagem. As ruas eram mal alumiadas, e na noite quási só o clarão das estrêlas nos guiava.

O Poeta havia sido — na marcha triunfal! — aprisionado pelo Mário Monteiro, que ia ao seu lado esquerdo, e o chamava *senhor doutor*, e pelo Amadeu de Albuquerque, que do lado direito o apertava com invocativos de *ilustre Mestre*; grazinaram todo o caminho, mal lhe deixando ouvir os nossos vivas...

Fomos indo pela Avenida, onde se nos juntou muita gente, sobretudo elementos republicanos. Assim chegámos ao Hotel Bragança, em frente da Estação Nova. Apenas transpôs o portão, o Poeta libertou-se; pôde já ouvir uma ovação formidável que partia de mil corações.

E então, do balcão de entrada, Junqueiro começou a falar...

Ah! não era mais o homem pequenino que o Mário Monteiro e o Amadeu tinham quási sumido na sombra das suas capas!

O luar rompera: a sua figura crescia, a sua cabeça erguia-se dominadora.

Guerra Junqueiro em 1903

Sentia-se o frémito da emoção que o abalava, a amplitude de visão, a envergadura do vôo, e a libração vibrantíssima da fé que o inspirava: o tropel das ideas, o cintilar das imagens animando-se, em ímpeto torrencial, pela expressão cristalina do pensamento — afirmada, no trama diamantino da lógica, a grandeza das sínteses. Fôrça invencível do espírito!

E não cuidava de políticas nem de seitas; não atacava regimes nem cultos: só o Mundo, o bem e o mal, a vida e a morte, passavam na sua palavra, propondo problemas, discutindo soluções, chegando a conclusões em que a moral do dever e da virtude alvorecia em transcendência religiosa, em infinita esperança.

Mas era um discurso?

Era uma lição como nunca se ouvira em Coimbra, lição sem cátedra, improvisada, despretenciosa, tão simples, e, ao mesmo tempo, com uma elevação de eloqüência tal que excedia a de tôda a sua obra poética. Pois não só era o Poeta, mas o Apóstolo, invocando a Beleza, a Bondade, o Amor e a Justiça — Deus! Rutilações de Eternidade desciam sôbre nós, como línguas de fogo; naquela voz a Verdade esplendia — a luz imensa subia em nossas almas.

Ouvíamos, em êxtase.

E quando acabou, não se quebrou logo o nosso silêncio; possuia-nos uma espectação de sobrenatural, como a dos que ouviram a Jesus o Sermão da Montanha...

Quando, após êsses instantes de infinito, as nossas palmas o saüdaram, no ar ressoava ainda a divina harmonia, o eco imperecível da sua grande voz.

Debandou, enfim, a multidão.

Ficámos ainda os bastantes para, na sala de entrada, cumprimentarmos Guerra Junqueiro, em nome da Academia, fixando a intenção da manifestação feita; e, como nas palavras que proferi, e de que pelos meus camaradas me fôra dado encargo, eu aludisse a uma Tutoria de Infância, que queríamos fundar em Coimbra, com festas anuais que substituíssem as récitas de despedida e os bródios concomitantes, Junqueiro ali nos doou generosamente, o produto líquido integral do seu livro *Lei da Vida*.

Não é para contar aqui como naufragou essa iniciativa. Junqueiro também nunca chegou a publicar essa obra, que julgava ter concluido, e que lhe absorveu, depois, todos os anos que tinha a viver — vinte anos de sofrimento, de luta e de dor.

Estavam connosco Bernardino Machado e Manuel da Silva Gaio, e ali passámos ainda horas, conversando. Então nos seus lábios floriu a ironia, como se realmente o moço de 1873 revivesse, com a sua aljava de flechas de oiro.

Trecho do autógrafo da «Oração à Luz»

Orem:

Candida luz da virtude matutina,
Inspira ardentes no amplidão divina,
Olhos meus olhos com o teu olhar!

De que encanto a presença dêste familiar Junqueiro!

Foi assim que o conheci.

Nas férias do Natal dêsse ano de 1903, propus a Tomás da Fonseca uma peregrinação a Vila do Conde, onde Junqueiro então vivia. Devia ser a pé, com bordões de devotos viajores. Não levaríamos vieiras de romeiro, mas ostentaríamos na lapela um ramo de violetas.

Assim fomos até Aveiro.

Mas a chuva apertou, e sem que a devoção afrouxasse, afrouxou a resistência às intempéries: tivemos de resignar-nos ao transporte pela via férrea.

Mas íamos, ainda assim, cheios de remorso, para a nossa 3.ª classe, quando encontrámos um galeguito, que teria dez anos, não mais... Contou-nos que o seu patrão (como, com a invernia, o ganho do consêrto da loiça e do amolar tesoiras e navalhas diminuira) o devolvia à família, calcurriando as cem léguas, que vão de Lisboa a Pontevedra, com a broca a tiracolo. Mas raro lhe confiavam algum prato partido, e as esmolas escasseavam: quási morria à míngua, curtindo fomes.

Tivemos ainda tempo de lhe comprar alguma comida na cantina. Tinha uma cabecita que se parecia com a daquele anjo, que está aos pés da Virgem num quadro de Murillo, e a sua expressão de angústia e de abandono comoveu-nos tanto que o instalámos na nossa carruagem, tirando-lhe bilhete para a Galiza, o mais próximo possível da sua terra.

Nós levávamos o dinheiro contado; mas a renúncia do voto de romeiros dera margem para esta benemerência, e encontrávamos nela vasão para o remorso que nos pungia: era, por assim dizer, um acto expiatório, por faltarmos à promessa que nos tínhamos feito de aparecer em Vila do Conde, à semelhança dos que foram a Jerusalem, nos bons tempos do Cristianismo.

A criança contemplava-nos, como se fôssemos dum outro mundo, portadores de milagre; e, tendo-lhe nós dado algumas moedas, para que não precisasse mais de mendigar, até se unir à sua família, passava o seu tempo a remirar, intervaladamente, as nossas caras, o bilhete azul, que lhe aliviava tantas penas, e a efígie do nosso Rei, gravada na prata.

De-certo também à sua visão interior acudia a imagem de sua mãi, porque se sorria, por vezes, com uma tal doçura que não podia ser para nós, nem para o bilhete, nem para a figuração metálica de D. Carlos. Ela lhe teria falado de Deus, e êle, sorrindo-lhe, entenderia que um pouco do Ceu era aquele desconfortável vagão, doado à sua resignação e humildade pela providência divina...

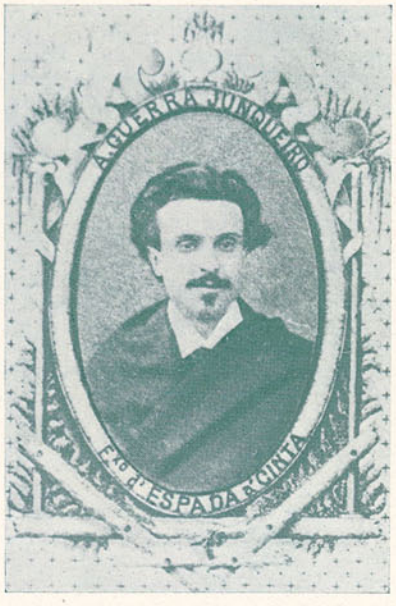
Separámo-nos em Campanhã do nosso companheirinho, deixando-o entregue a um viajante que seguia para Vigo.

Quando o vimos soluçar na despedida — o nosso anjo de Murillo! — abraçámo-lo, beijámo-lo, e fômo-nos correndo, porque nos salteava já a tentação de o levar connosco.

Dormimos no Porto. Mas, ao outro dia, acordámos cedo; encaminhámo-nos para a estação da Boa-Vista, à luz das das estrêlas.

Desanuviara.

Divagávamos pelo largo; quando rompeu o sol, um galo cantou. Galo bem digno de saüdar a madrugada! Grande e belo — negro, vermelho e oiro, com



Guerra Junqueiro, quintanista em 1873

uma imperial crista romana, batendo as asas potentes, de envergadura de águia, tensas as patas e as pernas brônzeas, com esporões de batalha, o pescoço distendido, o bico aberto como um clarim; — na sua gorja soava, estridente, a nota límpida e marcial da vitória!

Ainda não esmorecera, então, o clamoroso sucesso de Rostand, no *Chantecler*.

Viu-se doido Tomás da Fonseca para me dissuadir de levar *Chantecler* a Junqueiro...

Contei a êste, anos passados, a minha ideia, e êle regosijou-se de eu a ter tido:

— Muito bem! Muito bem! Simplesmente, como é que o haviam de trazer? Teriam de o comprar, e de comprar gaiola...

Eu esclareci, logo:

— Um galo para Junqueiro não se compra! Aquele galo — que não vi nunca outro igual — se era de capoeira, só podia ser da capoeira capitolina; era um galo de Júpiter, uma ave olímpica... Quando o Tomás, amuado comigo, se afastou, *Chantecler* saltou do muro em que soltára o pregão matinal, e seguiu-me... Havia de, a um simples acêno meu, saltar para o combóio, e seguir, ovante, à frente da locomotiva, e sempre cantando...

Como Junqueiro ria!

Mandáramos, do Porto, um telegrama para Vila do Conde, e, à saída da estação, topámos o Poeta, que vinha ao nosso encontro.

Fômos para o hotel, e almoçámos juntos.

Chuviscava de novo; ali ficámos até entardecer. O que nós conversámos!

Fôra eu, em Coimbra — onde se demorára por alguns dias, depois da festa do trigésimo aniversário da formatura — quem lhe apresentára o meu fraternal amigo. O Tomás era ainda seminarista; usava, pois, barba rapada, e, como tinha ordens menores, via-se-lhe uma corôa redondinha na cabeça; a sua alta testa, que parece uma torre, esmagava o semblante, onde uns olhos grandes, de dôce brilho, pasmavam... E, com o corpo alentado, vigoroso, metido na batina larga desleixadamente, tinha um ar de meiga rusticidade, bárbara e tocante...

Disse-me, então, Junqueiro que o Tomás tinha assim, a modos, uma cara de santo aldeão, feito à podôa, lá pelo santeiro da terra...

Pois ali o via agora, não de cara rapada, mas já emancipado do Seminário, sem corôa, e com um rebôlo de barba tão forte que dêle surgiriam umas barbas rivais das suas barbas apostólicas.

Acompanhámos Junqueiro a casa, que ficava numa avenida, com que eu hoje não acertaria, mas que se prolongava, se bem me lembro, até perto do mar. Não entrámos, ainda que insistisse, porque devia estar bem cansado. Também nós viemos jantar, e deitámo-nos.

Mas não podiamos dormir: tantas e tão belas coisas, ditas por Junqueiro, não nos deixavam parar a imaginação. Estávamos sob um encantamento, e ainda nos parecia impossível, a nós, para quem despertava apenas a quadra dos vinte anos, o admitir-nos à sua intimidade aquêle semi-deus.

Adormecemos, porém, a despropósito, profundamente, pela manhã; acordaram-nos às dez horas, porque já o *senhor doutor* — assim o tratavam no hotel — nos mandava chamar para o almôço.

Dirigimo-nos a sua casa; apresentou-nos a sua mulher e às duas filhas, mas ficámos sós. Junqueiro comia bem, mas não bebia vinho. Ao terminar a refeição, acendendo um charuto, gracejou: — Eis o que ainda me prende ao Diabo!

As virtudes de um tão grande homem eram muitas, mas a virtude de não beber vinho não lha conto, que era, decerto, por lhe fazer mal ao estômago...

Passámos ao gabinete de trabalho. Era uma sala grande, pode dizer-se um salão, com altas janelas rasgadas no tôpo; grandes estantes, carregadas de livros, ocupavam, inteiro, um dos lados maiores do paralelogramo; as outras paredes nuas, sem quadros nem adornos. Uma mesa, com o comprimento de três ou quatro metros, cheia de livros e papeis; alguns retratos (se não me engano, um de Tolstoi, outro de Luiza Michel...).

Não me esqueça dizer que, passando

pelo seu quarto de dormir, vimos, na mesinha de cabeceira, o livro de Sabatier, sôbre S. Francisco de Assis...

A conversa esfusiou: Junqueiro não bebera vinho, mas o liquor sagrado da inspiração circulava nas suas veias, e fazia relampejar o seu olhar; a sua voz traduzia, maravilhosamente, tudo o que a linguagem humana pode exprimir em beleza.

A certa altura, o Poeta pegou de um manuscrito, de sua letra, e sentou-se num canapé, que, com algumas, poucas, cadeiras e a mesa, constituia todo o mobiliário.

E começou a ler a *Oração à Luz*, ainda então inédita.

O que aquilo foi!

A voz de Junqueiro, de timbre metálico, quási forte no habitual, era um pouco velada, e com a luneta no nariz, um pouco nasalada; sempre dôce e harmoniosa quando lia ou perorava, a emoção davalhe agora uma estranha vibração.

Tinhamos ficado de pé...

Ele ia recitando o introito, no deslumbramento magnífico do hino ao sol... Faúlhas de luz divina! E um grande clarão passou:

Homem! Quando a alvorada alumie o horisonte,
Ergue-te em pé, ergue essa fronte!
Ergue-te livre, em pé, na terra escrava,
Em que has sido mudez caliginosa
E onda e rocha e verme e fera brava...
Ergue essa fronte humana misteriosa,
Enigmática flôr crepuscular,
A flôr que chora, que sorri, que pensa,
A flôr de dôr, que a natureza imensa
Milhões de anos levou a arquitectar!...

A *Oração* erguia-se em ascensão augusta:

Monstro de dôr nos êrmos do infinito,
Ó sol crucificado, ó sol bendito!
Tua carne de fluidos e metais
É a carne-embrião do mundo todo,
Das águas e das rochas e do lôdo,
Que foram nossas mães e nossos pais!
Por isso lanças para nós teu grito,
Por isso vôam para nós teus ais!
.....

Todo sacudido do grande sôpro do génio, abalado pelos acentos formidáveis daquelas estrofes de épico lirismo, as pernas vergavam-me; quási caí, a seu lado.

Estonteado da vertígem das alturas inacessíveis que atraíam o meu pensamento, naquela poesia incomparável, senti que a *Oração* terminava:

Cândida luz da estrêla matutina,
Lágrima argêntea na amplidão divina,
Abre meus olhos com o teu olhar!
Viva luz das manhãs esplendorosas,
Doira-me a fronte, inunda-me de rosas,
Para cantar!
.....
Farei da cega luz que me alumia
A luz espiritual do grande dia,
A luz de Deus, a luz do Amor, a luz do Bem,
A luz da eterna glória, a luz da luz, amen!

E quando terminou, os seus olhos magnéticos procuraram os meus, e porque adivinhara a minha comoção, e via que eu não podia falar, foi êle quem me abraçou. Tomei a sua mão direita, e beijei-a.

Tomás da Fonseca conservára-se de pé; mas estava pálido, como se tivesse contemplado Elias, subindo ao Céu, no seu carro de fôgo...

E nenhum de nós ousou dizer, sôbre a leitura da *Oração*, uma só palavra!

Por sôbre nós passára, indefinível, o Assombro...

E Junqueiro levou-nos a vêr as suas colecções.

A de cerâmica, um pouco espalhada por toda a casa, já a começáramos a vêr na sala de jantar: diziam-na magnífica.

Chamou primeiro a nossa atenção para o simples *bric-à-brac*, de que eu não entendia nada: avultavam contadores, armários, arcas, mesas; e êle ia dizendo: — hispano-árabe, gótico, Renascença...

Depois, esculturas; em madeira, em metal, em mármore, em jaspe, uma infinidade delas, examinadas muitas minuciosamente, descritas outras por Junqueiro como quem repete etiquetas dum catálogo exaustivo; algumas via-se que lhe despertavam verdadeira admiração, porque à paixão do coleccionador aliava-se o sentimento do artista em traços impressionistas de intensidade psicológica. A estatueta de Nun'Álvares, de madeira, de hábito e barrete de faces, com as suas barbas venerandas, o nariz afilado, o rosto macerado de vigílias, na mão direita o "livro de meditações" — via-se bem quanto a amava, compreendendo a adoração que o Povo prestou nas ermidas dos montes e nas igrejas aldeãs ao Heroi da Independência, como a um Santo de salvação.

E para nos provar a autenticidade da imagem, expulsa do culto pelos Felipes: — Vejam como é êle mesmo, o Grande Condestável!

Um retrato a óleo, quatrocentista, do paladino, estava ali, a certificar-nos.

Afastou-se um pouco, e trouxe-nos uma mòlhada de Cristos: alguns crucificados, outros soltos da cruz. Aí tinhamos o Cristo dos mendigos, o Cristo dos ladrões, o Cristo das mães, o Cristo das criancinhas, o Cristo dos supliciados...

E, sabendo da minha ascendência, levou-me pela mão à sala próxima:

— Olhe êste Cristo dos cavadores, e contemple êste outro — o dos ferreiros, de pulsos de Vulcano, de herculeo arcabouço, todo enfarruscado de carvão...

E seguiu, dedicando-me uma tirada em que crepitavam chamas de forja, e resfolegava um grande fole sôbre o braseiro, onde o metal sofria as inclemências da depuração; meu avô suava bagadas de suor, resgatador de toda a mácula do pecado!

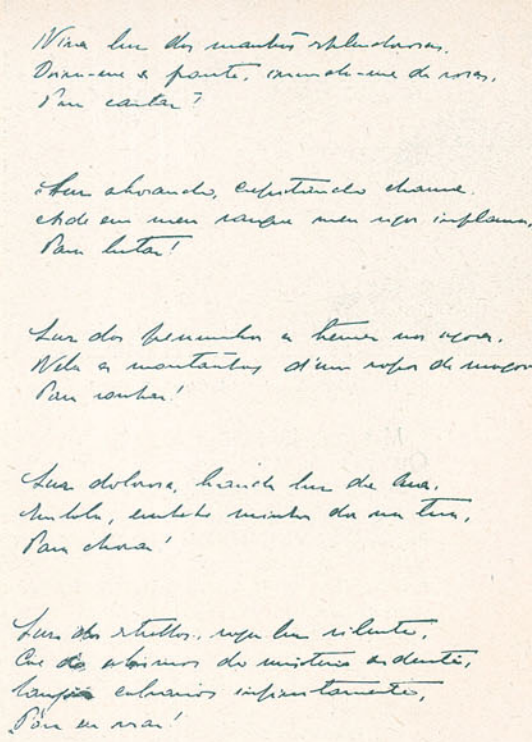
E, todavia, aquêle Cristo crucificado não constava na minha tradição familiar!

A prodigiosa imaginação junqueiriana!

Por fim, a galeria dos quadros: pinturas italianas, flamengas, espanholas, algumas portuguesas: Van-Eyck, Greco, Goya, coroando de glória a riqueza rara da colecção de antigos mestres.

Aí, sim, que o que eu não entendia, adivinhava...

Num havia uma pedra tumular levantada, e, por cima, um anjo radiante, um arcanjo resplandecente de luz astral. Julgar-se-ia que se empoeirára todo, ao descer à terra, do fulgor das constelações;



Outro trecho da «Oração à luz»

fundidas de oiro solar, esmaltadas do azul alvorecente da Vénus matutina, estremeciam as suas asas, ansiantes de vôo...

Era a alegoria, imarcescível, da *Oração à Luz!*

Disse-o a Junqueiro. E então começou a contar como adquirira aquêle quadro: um dia, em Sevilha, ia passando numa viela de arrabalde, e parou, porque vira avançar ao seu encontro uma visão celestial; na lojèca dum sapateiro, velho e rôto, êle próprio quási descalço — ao fundo, como um paravento de saguão, estava o quadro, e deslumbrava!

— Comprei-lho. É de Greco.

— Por quanto? — preguntei.

— Por dez duros...

— E quanto vale, senhor Junqueiro?

Franziu as sobrancelhas... O meu interrogatório era, na verdade, exquisito, cobnóxio.

Insisti...

— Mas quê? Valerá, em Londres, duas mil libras...

— Dez contos?

— Dez contos.

— Nêsse caso, senhor Junqueiro, roubou V. Ex.ª ao velho, rôto e descalço, nove contos novecentos e noventa mil reis...

E apenas acabei de pronunciar estas palavras, tremi — como dum sacrilégio. Tomás da Fonseca confidenciou-me, mais tarde, que se dispunha a saír, antes que Junqueiro nos puzesse na rua, numa das suas frenéticas, álgidas cóleras.

O Poeta baixou a cabeça; e, sem se mover, como sob um golpe macisso, ficou alguns minutos calado...

E disse assim:

— Judeu, filho de troquilhas e contrabandistas, no meu sangue arde a cubiça...

Ficámos varados. E, durante talvez meia hora, êle formulou contra si um formidável libelo, um cruel requisitório, em que passavam lamentações de Job e fulminações do Apocalipse; humilhou-se como mísero lôdo, flagelou-se como um justiçado, lançou por sôbre a sua vida gloriosa imprecações, despreso, envilecimento.

Um aspecto da sala de jantar de Guerra Junqueiro

Mas que jurados o não absolveriam? Que juizes ousariam condená-lo?

As acusações que Homem Cristo, sete anos depois, lhe dirigiu são simples picadas de alfinete; nêsse momento de espantosa confissão geral, quási incrivel, êle trespassou-se de lançadas mortais.

O imortal Junqueiro!

Nunca êle teria sido maior do que nessa hora augusta, em presença de dois estranhos, que poderiam vir a ser seus inimigos!

Eu quereria sumir-me pelo chão abaixo... O que me inspirou tal audácia? Quem trouxe a meus lábios as palavras duríssimas que ergui contra o meu Mestre?

Eu tinha vinte e dois anos; a minha sinceridade era absoluta, o meu ânimo não vacilava nunca ante a verdade, a minha bôca não mentia.

Ficámos amarfanhados de turbação e de dôr...

Saímos, todos três, a jantar no Hotel. Tomás da Fonseca e eu quási cambaleávamos; Junqueiro caminhava em passos firmes — a cabeça levantada, alegre, risonho. Dir-se-ia que se aliviara dum grande pêso.

Não vão suspeitar que Junqueiro tinha crimes na sua vida; para se acusar por crimes, seria preciso que inventasse. Mas descera ao fundo da sua alma, aos recessos mais íntimos do seu ser; sondara na consciência tôdas as inclinações sopitadas, tôdas as paixões ínferas dominadas pela sua grandeza moral, pelo admiravel equilíbrio do seu instincto religioso e da sua educação intelectual — trazendo, a claridades cristãs de humildade, simples tentações dormitantes, incertas e vagas. Nada mais.

— Meu bom amigo — disse-me — se gosta da *Oração à Luz*, quere o manuscripto? Será uma lembrança minha...

Eu não podia, de novo, beijar-lhe a mão...

Ficou meu amigo — e para sempre. Sinto que ainda o é, lá onde está, na Eternidade.

Depois do jantar, veio a falar-se de Bernardino Machado — confraternal de Guerra Junqueiro, desde os tempos do colégio — e referimo-nos à admiravel resistência do seu corpo aparentemente débil, magro, franzino, na formidavel campanha que intentava em prol da Nação, atravessando sem descanso o país em propaganda, e pronunciando, sem cessar, discursos em que formulou o programa da acção governativa da Democracia, que êle viria a implantar, acordando tôdas as virtualidades ancestrais da raça, todos os estos do heroismo popular, suscitando e conjugando, à sua volta, tôdas as energias de combate dos caudilhos da Revolução, tôdas as actividades constructivas do partido republicano.

E opinou Junqueiro:

— Com Bernardino, isto vai... Apostolizará, convencerá. Atento ás almas e aos corpos, sacudirá os corpos, abalará as almas. Fala mansamente? Mas tem a persistência, a tenacidade, a penetração, o peso da alavanca. Deslocará, desgastará as últimas resistências do regime monárquico; quando êle proprio mal o pense, a avalanche revolucionária desprender-se-á, e varrerá tudo! E pensam que Bernardino é um fraco... Ilusão! O Bernardino é uma vara de aço... Dobra? Mas nunca quebra!

Há adversários nossos que esperam que êle canse, e julgam que as fadigas o matam. Mas reparem que êle tem uns nervos rijos como diamante, um coração que regula como um cronómetro, e um estômago de avestruz; um estômago que roi pedras, e toma leite!

Rindo, rematou: — O Bernardino, estejam certos, é o nosso Matusalem!

Não sei porquê, veio a falar-se de António Nobre:

— Disseram que o imitei nos *Simples*... Fantasia do Nobre? O que é verdade é que os versos d'*Os Simples* fôram escritos antes do *Só;* sabem-no todos aqueles aquêm os li, muito antes da aparição do seu livro.

Veio-me então à idéia perguntar-lhe por todos as *Vencidos da Vida*, última camaradagem que o prendera a Lisboa.

E, como se tomasse, ora o pincel, ora simplesmente o lápis, os retratos dos seus companheiros fôram aparecendo à nossa vista, numa galeria impressionante.

A mobilidade fisionómica de Junqueiro — e o próprio movimento do tôrso, dos braços e das pernas — ajuntavam ao desenho nitidez, expressão, vida. Lembrava Gavarni e Miguel Angelo...

Apontarei apenas traços — algumas frases que fixei, e resistiram a mais de trinta anos:

— O Antero? Mas caíra em demência; num intervalo lúcido, matou-se...

Eça? Era um lacaio... Mas na sua obra não há uma página que não seja digna de um homem superior; dentro dela não transigiu nunca; guardou a sua vinha de todos os míldios da cortezania... Veja-se o seu artigo sôbre D. Amélia!

O Arnoso? Mas é um belo rapaz! E o único amigo que tem D. Carlos...

O maior interêsse que eu tinha era ouvi-lo sôbre Ramalho Ortigão.

Pegou da cadeira mais próxima, e, sustendo-a erguida, disse:

— Repare que o bom do Ramalho vê sempre esta cadeira com quatro pernas!... É certo que também isso me acontece, ás vezes. Mas creia que me sinto, então, muito infeliz...

E sentou-se na cadeira.

Tomás da Fonseca fôra buscar ao quarto um manuscrito de versos seus, que entregou a Junqueiro.

Este logo começou a lê-lo, de lápis em punho.

Começava:

Eu venho em nome do Infinito...

O censor cortou. O terror espalhou-se nas faces do neófito: era negar, logo de entrada, a sua missão!

Junqueiro lia alto; passava folha sobre folha, e cortava sempre — aqui, acolá, aquém, além. Era uma execução!

O lápis gastava-se; pegou duma faca de mesa, aparou-o, e continuou a cortar, sem olhar para o Tomás.

E quando acabou, para quem se voltou foi para mim, como se fôsse a mim que devesse explicações — porque notara a minha decepção, quando tratara de Ramalho:

— Um grande quadro, um grande poema, uma grande partitura, veja, Lopes d'Oliveira (e erguia o punho fechado) veja — uma grande obra... mas são sete punhaladas de luz!

Eu ia a observar que os *Simples* tinham onze...

O Tomás foi pedir a conta; disseram-lhe que eramos hóspedes do *senhor doutor*, que já tinha pago.

Saímos; a noite descia. Fômos caminho da estação. E, como nos vira com os nossos bordões, Junqueiro levava também na mão uma varinha de marmeleiro, com que ia fazendo folestrias...

Iamos calados. De repente, Tomás da Fonseca preguntou-lhe por Gomes Leal; assombrou-nos quando nos disse que, pessoalmente, nunca o conhecera.

— Gomes Leal é um génio! — disse o Tomás; e foi recitando:

Ó mineiro! ó mineiro! ah! quando, sob a terra, desces, longe da luz, as espirais da dôr...

— Sim — tornou Junqueiro — mas é um relâmpago de génio numa noite de loucura...

E então, depois de uma pausa, voltou-se para o autor do manuscrito, em que passara a sua dilacerante garra:

— Você é um poeta verdadeiro. Hei de escrever um prefácio para o seu livro. Deverá chamar-se *Degradados*. Diga ao Lelo que me mande as provas...

O Tomás — via-se — não cabia em si de contentamento: não era só o prefácio, com que nem sonhara; era também um editor com que sonhava, mas não encontrara ainda, em realidade!

O comboio chegava... Abraçámos o Mestre, e corremos... Junqueiro correu também, e comnôsco entrou na gare.

Mais abraços; palavras balbuciadas de enternecimento...

Na portinhola da 3.ª mal cabiam as nossas cabeças a par, na despedida.

O comboio puzera-se em movimento... Junqueiro bradou-nos:

— E lá irei, em breve, pagar-lhes a visita! Não os esqueço.

Em Junho de 1904, entrava-nos, pela porta dentro, na casa de Celas onde então viviamos, o poeta da *Pátria*...

E foi um esplendor!

Lopes d'Oliveira.

O final do autografo da «Oração à Luz»

"A PORTUGUESA"

esteve para ser o hino privativo do rei D. Carlos!

Alfredo Keil

QUANDO morreu o rei D. Luís, o maestro Alfredo Keil lembrou-se de escrever o hino para o novo soberano, visto ser uso, nêsse tempo, haver, além do hino nacional, um outro privativo do rei. Como D. Carlos não se dignasse aceitar a ideia de Keil, preferindo adoptar para hino real o *Hino da Carta* que seu bisavô D. Pedro IV escrevera com tanto carinho, o maestro não teve de esperar muito tempo para aproveitar condignamente a sua produção.

Surgindo, três meses depois, o famoso *ultimatum* de 11 de Janeiro de 1890, que tão intensamente agitou a Alma nacional, a ocasião era oportuníssima para fazer vibrar as notas do novo hino.

Henrique Lopes de Mendonça prontificou-se a escrever a letra, e, dentro em pouco, estava ensaiada *A Portuguesa*.

Nessa altura, um anónimo enviou para o Teatro da Alegria um apropósito dramático intitulado *A Torpeza* em que se anatimatizava êsse gesto de força brutal exercido pelo mais forte contra o mais fraco.

"Os direitos de autor — declarava o anónimo — deveriam ser entregues á grande comissão da subscrição nacional".

Quem seria o autor e porque se ocultava?

Era António de Campos Junior, e adotava o anonimato, atendendo à sua situação militar.

A peça deu cinqüenta representações, com um êxito sempre crescente. Não se compreende, portanto, a razão de não terem sido pagos os direitos, consoante o autor determinara.

Calcule-se que a própria *Revue Britannique*, que então se publicava em Paris, deu uma larga notícia do triunfo obtido pela peça e pelo hino, chegando a traçar-lhes a contextura!

A Torpesa e *A Portuguesa*, correram depois os vários teatros da província, sem que Campos Júnior, nem Alfredo Keil, nem Henrique Lopes de Mendonça recebessem quaisquer direitos.

Finalmente, a peça foi levada para o Brasil, não sendo permitida a representação, decerto por não ferir as susceptibilidades da colónia inglesa do Rio. Foi encontrada, por fim, uma solução: o título *A Torpesa* foi substituído por *A História* e o protagonista *John Bull* passou a ser o *Rei Milhão*. Com algumas modificações no texto, a peça pôde ser representada.

O mais curioso é que tudo isto se fez sem que o autor soubesse nem recebesse, como se calcula, quaisquer direitos!

Essa peça patriótica, que era um modêlo de estilo e vigor dramático, prometia um êxito retumbante. Começou logo a ser ensaiada, encarregando-se dos principais papeis os artistas Joaquim de Almeida e Elisa Aragonês.

E, para a fazer realçar mais, abriria com a hino *A Portuguesa*.

O que aquilo foi!

Fialho de Almeida, acompanhado por João Saraiva, foi assistir à primeira representação. Poucas vezes se assistiu a uma tal apoteose!

A Alma nacional, ferida no seu brio, erguia-se indignada em tôda a altura gloriosamente conquistada numa contínua epopeia de mais de sete séculos!

Entretanto, cá fóra ecoavam as notas da *Marcha do Ódio* com versos de Guerra Junqueiro:

Ódio ao pirata! ódio ao bandido!
Ódio ao ladrão!

Henrique Lopes de Mendonça

Mas o hino que a multidão preferia era *A Portuguesa* que arrastava num arrebatamento patriótico, grandioso, indomavel... A' semelhança da *Marselhesa*, o povo seguia o caminho do seu mais belo futuro!

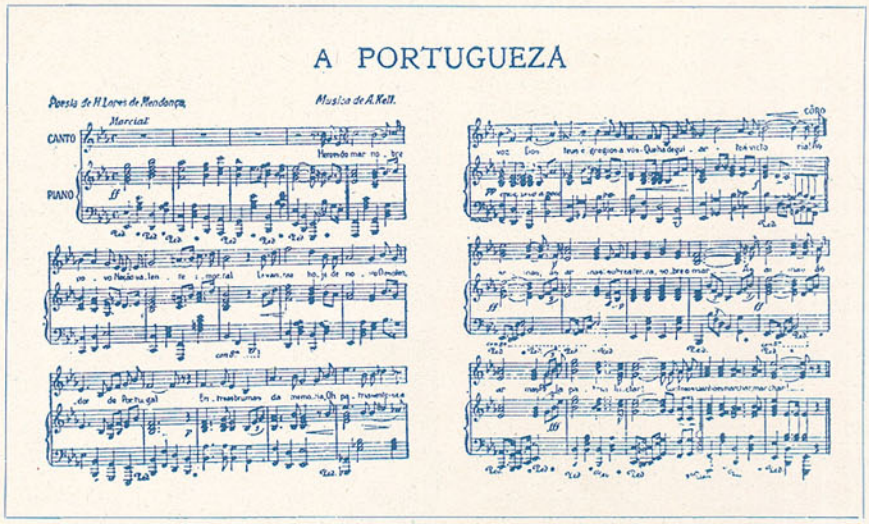
Seja o eco duma afronta
O sinal de ressurgir!

O coração do rei D. Carlos devia sangrar nêsse momento não porque fôsse conivente na violência imposta à sua Pátria, mas porque a multidão, na intenção de o hostilizar, gritava bem alto as estrofes dêsse hino, cuja música fôra escrita expressamente para o glorificar!

É até possível que lhe não doêssem tanto os ataques sangrentos que, meses depois, o Poeta da *Pátria*, lhe dirigiu, ao considerá-lo traidor de Portugal.

Triste a condição de reinar! o desventurado soberano que ainda mal subira os degraus dum trono que nunca desejara, encontrava uma multidão ululante a acusá-lo de crimes que nunca pensara cometer! E, como se não bastasse, cantavam-lhe *A Portuguesa*, o hino que lhe tinham dedicado, e que a política transformara no mais ingrato *Ça ira* que espíritos humanos poderiam arquitectar.

Quando, em 31 de Janeiro de 1891, a revolta do Pôrto, novamente se ouvia ecoar *A Portuguesa!*



«A Portuguesa»

Jardim da Estrêla

LISBOA MATINAL

A sua vida e os seus encantos

I

PELAS sete horas da manhã, já Lisboa resplandece ao sol doirado. As carroças da limpeza, os primeiros transeúntes, os últimos noctívagos, os operários que se dirigem a suas fábricas ou ocupações, algumas flores de pecado que para suas casas se encaminham, eis a população que, por essa hora, ciranda, já, em suas ruas, desenvoltamente. Os eléctricos tilintam pelos *rails*, levando à vida, com as primeiras claridades matinais, aqueles que labutam e aqueles que madrugam. Numa palavra: às sete horas da manhã, já Lisboa acordou, esperta como andorinha em primavera, alegrando as suas ruas com o espectáculo do tumulto matinal. Eis quando apetece, na verdade, percorrer a cidade. A Lisboa das cinco horas da tarde, frívola, *coquette*, cheia de ilustruções parisienses e de perfumes londrinos, não é a mesma cidade portuguesa, nìtidamente ribatejana, que, manhãzinha cedo, se espenuja, laboriosa e ágil, nas suas ruas e em suas casas. A Lisboa nocturna, de grandes olhos eléctricos, nervosos, a cidade dos *clubs* e dos teatros, do amor e da miséria, nada deve, também, à formosa e sorridente capital que, das sete horas da manhã ao meio-dia, lembra, pela sua graciosidade e pitoresco, uma das suas varinas capitosas, diligentes, de seios subtis e floridos. A Lisboa matinal é a verdadeira Lisboa. A outra, é a Lisboa estrangeirada, de importação, cujos regalos e sedas, embora galantes, são simples amostras das grandes capitais. Assim, em relação à feira das futilidades que, à tardinha, se estadeia pelo Chiado, é consoladora e saüdável a alegria alfacinha quando, pelas manhãs, o sol é forte e doirado, e a voz dos pregões é quente e harmoniosa.

A Avenida ao amanhecer

II

Uma manhã destas, fazia um sol magnífico, descia eu, eram oito horas da manhã, a série de avenidas que, desde o Campo Pequeno, comunicam entre si até aos Restauradores. Adiante do Saldanha, uma adolescente conduzia, à sua frente, um carro cheio de laranjas. Aproximei-me para ver a esbelta rapariga, cujos treze anos tornavam, já, seus olhos negros alguma coisa misteriosos. Comprei-lhe laranjas, mirando com encanto o seu talhe de fenícia, ondulante e voluptuoso. Ouvi o timbre de sua voz murmulhante e apreciei, depois, quando se retirou, o rítmo dos seus passos e dos seus movimentos. Tive a impressão de que essa adolescente em flor era a perfeita imagem da Lisboa que logo de manhã se mira ao sol por não ter regatos, dessa Lisboa cujo narcisismo é saüdável e é operoso, e cuja voz, através dos pregões, diz um romance inteiro de trabalho, de acção e de ternura. Na verdade, eu assistia aos diferentes aspectos de uma azáfama diligente, nas praças, nas mercearias, nas confeitarias, nos talhos e nas

Lisboa matinal

ruas por onde peixeirinhas de gracioso andar gritavam, em voz melódica, as diferentes especialidades de suas canastras. Um sol saüdável enriquecia as ruas, neste inverno calmo, de fortes claridades. Por sôbre as árvores, actualmentes desfolhadas, das avenidas, chilreavam não sei que qualidade de pássaros românticos. Cheguei á Rotunda e o movimento dos *táxis* embargou-me a deslumbrada impressão de côr e de sinfonia que levava. Atravessei a correr o perigoso entroncamento e senti-me num dos primeiros bancos da Avenida da Liberdade. Quatro ou cinco garotos dirigiram-se logo para mim, disputando a alegria de ganhar uns magros tostões para me engraxarem os sapatos. Escolhi um, o de olhos mais ladinos, e, em breve, obtive, dele, a confissão desinteressada da sua vida. Era orfão de pai e de mãi, e vivia em casa de uma tia que o maltratava, mas a quem entregava, religiosamente, tudo quanto apurava. Fazia isso, a-pesar-dos maus tratos, só porque tinha uma irmãzinha de dez anos e não queria que a tia a mandasse trabalhar a ela.

O garoto tinha doze anos feros. O seu gracioso rosto compungiu-se, porém, quando me narrou, o mais naturalmente possível que, na véspera, tendo a sua mana comido, por fome, uma fruta da

Vista de Lisboa

tia, havia êle levado uma grande tareia por ter confessado, à tia, que fôra êle o guloso. Ao cabo da confidência tinha eu os sapatos reluzentes e êle dez tostões na mão. Vi-o partir, a correr, alegremente, — como se a vida lhe fôsse pródiga... Estes garotos, verdadeiros *gavroches* de Lisboa, são outra imagem da perturbante alfacinha. Não só os engraxadores: também os *ardinas*, a essa hora percorrendo as sete colinas a gritar os nomes dos seus jornais. Penso no que seria a Primavera se, além dos jardins floridos e dos gorgeios dos rouxinois, essas crianças não tivessem, a consumir-lhes as imaginações amanhecentes, os agressivos episódios que são tão abundantes causas da criminalidade infantil. Penso no que seria a Vida se não houvesse crianças que sofressem. Suspendo, porém, as minhas lamentações românticas ao surpreender uma rapariga, com uma criança nos braços, oferecendo-me flores. Eram as últimas violetas dos canteiros de Sintra. Olhei a gentil florista que tinha olhos verdes e jóvens e preguntei-lhe, não qual o preço das flores, mas se o pequeno que levava era seu filho. Fiquei, depois, com o ramo das violetas e com a resposta. Antes que as violetas murchem, quero narrar o seu drama. Essa graciosa violeteira tinha repetido o romance de todos os amores confiantes. Agora, com um filho nos braços, abandonada pelo amante, ei-la a vender violetas e jasmins, enquanto o destino não quiser que vá vender-se a si própria e a seus olhos verdes...

III

Lisboa é, pela manhã, a cidade da graça, a verdadeira noiva do sol. Não conheço espectáculo de mais saüde, de mais harmonia, de mais leda formosura, que o das suas peixeiras cantando, que o dos seus templos pejados de crentes, que o das suas praças cheias de restôlho e de géneros de todas as côres, que o das suas ruas marejadas de transeüntes de todas as qualidades. É, na verdade, uma *cidade em flor*, conforme uma conhecida poetisa a designou. Não é preciso que a primavera venha acordar os primeiros perfumes das magnólias ou das glicinias, para Lisboa ser formosa e adolescente. Desça-se, pelas dez horas da manhã, a rua do Ouro, e verifique-se, nas toalhas do Tejo, a florescência dos arrebois. Observe-se, não muito longe, os navios de guerra comprados por Salazar, e divise-se, nos seus costados de ferro, a presença dos revérberos solares. Lisboa é uma deliciosa e jovial manhã lusíada — como não há igual no país, nem nos presépios minhotos, nem nos horisontes algarvios. O seu céu é plácido, azul como nas fotografias de Nápoles. As suas manhãs são claras, radiantes, nupciais. Eu gostaria, por isso, que a noite começasse, em Lisboa, ao meio-dia, ou seja, á hora em que a Lisboa europeia vem substituir, na ronda, a grácil ribatejana. Vêem-se, então, as *toilettes* caras, os monóculos pretensiosos, as montras tentadoras, os perfumes bailarinos, os corpos gelatinosos e elegantes. ¡Que saüdades das varinas de seios duros e de olhares floridos, dos *ardinas* de vozes puras e harmoniosas, das criadinhas ladinas e atarefadas, da Praça da Figueira cheia de ruas, de berros e de côres! ¡Que saüdades dos olhos verdes e fúlgidos das varinas, dos olhos verdes da violeteira nostálgica, outra imagem de Lisboa, e do sorriso gracioso do seu filhinho gárrulo e feliz! ¡Que saüdade dessa fenícia, esbelta como um lírio, em cujos olhos negros se hospedavam, já, os primeiros instintos amorosos! Ao meio-dia, a Lisboa matinal, de frescos cantares e de atarefadas alegrias, substitui-se pela Lisboa dos que não têm nada que fazer e gastam as tardes ou a mostrar-se ou a contemplar os outros. É a hora dos *vermouths*, caros — e a hora da fome. Por cada mulher elegante que desce o Chiado, empavonada em *toilettes* caras, há pelas ruas mãos que mendigam pão ou pulmões que se desfasem em hemoptises. É a Lisboa do paradoxo, quási sem sol porque ambiciona luz eléctrica, a capital das turbulentas ansiedades e dos dolorosos gemidos. Mas a noite, compassivamente, não demora o espectáculo ambíguo: após a sinfonia maga das electricidades, efémeras como o *champagne* dos *clubs*, a madrugada seguinte não se esquece, nunca, de acordar, no seu leito rescencente, a jovial menina ribatejana que é a Lisboa de todas as manhãs...

Miradouro da Senhora do Monte

E volta a resplandecer o sol doirado, a sorrir aos primeiros transeüntes, a afugentar os últimos noctívagos. Soa a voz quente e harmoniosa dos pregões...

Enfim, surge a Lisboa matinal, a única e verdadeira Lisboa!

Manuel Anselmo.

Varinas

A VIDA DO DR. FAUSTO

Fausto e Mefistófeles, segundo Cristóvão Van Sichem

A figura do dr. Fausto, o sábio alquimista que vendeu a alma ao Diabo, continúa a preocupar os eruditos, tanto mais que não foi criada pela imaginação de Goethe, mas que existiu na realidade.

Não êsse vago Fausto que viveu no século XVI, e se dedicava a feitiçarias, mas um Fausto com a devida identificação.

A lenda apresentou-o tão sedento de ciência e de prazeres, que vendeu a alma ao Demónio, visto êste se haver comprometido, em troca, a servi-lo durante vinte e quatro anos. O Diabo proporcionou-lhe toda a espécie de voluptuosidades, e deu-lhe também diversas noções sôbre a cosmogonia, a alquimia e a feitiçaria. D'aí a sua paixão pela Margarida até que, expirado o praso, foi arrebatado por Satanaz, consoante o contrato estabelecido.

Mas, afinal, o que existe de verdade em tudo isto?

Ao que parece, trata-se apenas do dr. João Fausto que foi colaborador de Guttenberg e de Schoeffer na invenção da imprensa.

Associando-se a Guttenberg em 1455, a sociedade foi dissolvida pouco depois, não tendo sido possível apurar os 2 mil florins que Fausto adiantára. Não desanimou, apesar de tudo, tendo-se associado, em seguida, a Schoeffer. E assim, saíram dos seus prelos, em 1457, as primeiras obras impressas com data, sendo uma delas o famoso *Psaltério da Magúncia*.

Como se criou então a lenda?

Alguns cronistas de Luiz XI, de França, afirmam que João Fausto foi a Paris com o fim de oferecer um dos primeiros exemplares da Bíblia que aparecia impressa, pela primeira vez, no Mundo. Acusado de feitiçaria, foi perseguido com tal encarniçamento, que para nada lhe serviu o favor do soberano. Valeu-lhe a sua extraordinária sagacidade, visto ter conseguido iludir tão limpamente os seus perseguidores, que voltou à sua pátria sem deixar o mais leve rasto. Esta brusca desaparição foi atribuida, nêsses tempos de crendice, a motivos mágicos.

Várias cidades alemãs disputam a honra de ser o berço do famoso sábio, e algumas delas conservam provas indiscutíveis da sua passagem. Por exemplo: em Francfort encontra-se o seu primeiro livro impresso em companhia de Guttenberg; em Magúncia, a imprensa de que se servia; em Wurttenberg, as duas casas que lhe pertenceram; em Leipzig, a taberna Auerbach que foi cenário das singulares aventuras de Fausto e Mefistófeles...

A história da venda da sua alma ao Diabo teve orígem no facto de haver enriquecido repentinamente. Ora, a verdade é que o negócio da invenção da imprensa foi prodigiosamente lucrativo, visto ter caído em mãos que o souberam aproveitar. Mas o povo, ignorante e supersticioso, não compreendia estas coisas, preferindo aceitar as patranhas que os inimigos do sábio engendravam, dia a dia, para o desacreditar. É certo que João Fausto vivera largo tempo na maior miséria, devido às excessivas despesas feitas com estudos e experiências. Quando a exploração da imprensa começou a render caudais de oiro, os invejosos começaram logo a propalar que tais riquezas só podiam ser adquiridas por meio de pacto com Satanaz.

Fausto e Mefistófeles, por Ernst Stern

Conrado Durrieux, consultando antigos documentos, chegou à conclusão de que nenhum episódio da vida de João Fausto poderia originar-lhe a fama de feiticeiro, nem quaisquer relações satánicas. De acôrdo com o historiador Klinger, Durrieux supõe que os dizeres que tão propício terreno encontraram nas mentalidades supersticiosas da época, fôram difundidos pelos amanuenses contemporâneos de Guttenberg e Schoeffer, visto sentirem-se prejudicados pela invenção da imprensa. Com efeito, a nova invenção tornava desnecessária a tradicional tarefa de copista que tinham a seu cargo.

O trabalho, aliás muito lucrativo, da cópia de livros e documentos, realizado especialmente pelos frades no sossêgo dos seus claustros, diminuiu, a princípio, acabando por cessar completamente, logo que as máquinas de impressão se aperfeiçoaram.

Por outro lado, Durrieux admite ainda que a reputação diabólica de João Fausto poderia originar-se também na vida frenética que ostentou publicamente.

Contemporâneo e compatriota de Guttenberg, é de supor que João Fausto nascesse em Magúncia no ano de 1400.

Tendo enriquecido com a invenção da imprensa, viajou largamente através da Alemanha, existindo ainda documentos comprovativos da sua passagem por Erfurt, Colónia e Francfort. Já entrado em anos, recolheu-se a Ingolstadt, ocupando-se incessantemente das suas experiências. Vivia solitário entre alambiques e retortas, não consentindo a visita, fôsse de quem fôsse. Os curiosos que se arriscavam a aproximar-se-lhe da porta, eram perseguidos por dois ferozes canzarrões. Ainda assim, houve quem tivesse vislumbrado o mago de grandes barbas brancas, maquinando novas feitiçarias entre um rubro resplendor de fogo!

O que é positivamente histórico é que o dr. Fausto, ao completar os seus oitenta anos, encontrou em Colónia o arcebispo Von Wied, estudioso de vasta cultura que, após longa catequese, conseguiu convertê-lo à fé cristã.

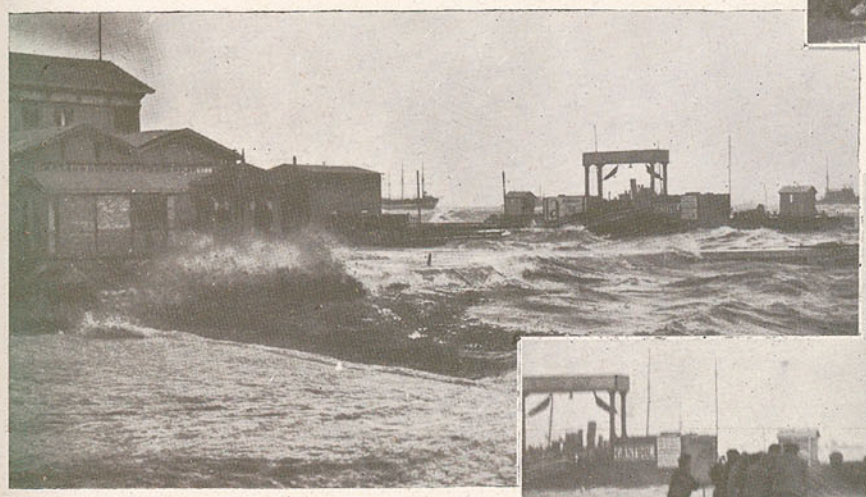
Aqui desapareceu o dr. Fausto, para começar a lenda que deveria ser imortalizada por Goethe.

Mefistófeles ante o cadáver do dr. Fausto, por Astin Kampf

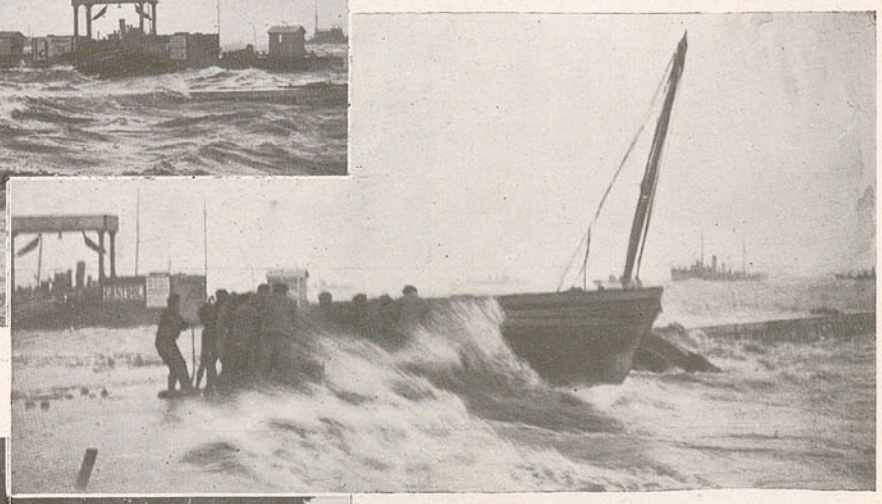
O TEMPORAL

A invernia, que tanto se fez esperar êste ano, surgiu repentinamente numa ofensiva terrível, assolando o país desde norte a sul. A gravura acima dá um curioso aspecto do Terreiro do Paço, no momento em que se procedia com todo o denodo ao salvamento da canhoneira «Faro». Chovia torrencialmente, mas a multidão, sempre curiosa, não arredou pé

O ciclone devastador fez passar horas angustiosas à população lisboeta. Essa árvore secular arrancada pela raiz, em Linda-a-Pastora, dá bem uma ideia da violência da ventania. Derribada sem piedade, esta árvore altiva representa a nossa vida



A ponte da Parceria no Cais do Sodré, batida pelas vagas, apresenta um aspecto desolador. As vagas, erguendo-se alterosas, ameaçam subverter tudo o que lhes oponha obstáculo



No Cais do Sodré, arrojados marítimos, cheios de abnegação e de heroísmo, salvam uma embarcação quási desmantelada. As vagas iradas, como labaredas, envolvem êsses bravos desconhecidos

A fúria do vendaval não deixou de fazer também o seu passeio através do Campo Grande. Eis um dos aspectos que o nosso *Bois* oferecia após a passagem da ventania que se propunha destruir completamente o formoso arvoredo que ali viceja. — *À direita:* A estação da Parceria no Cais do Sodré completamente inundada, dando a impressão dum dos famosos canais venezianos, embora sem gôndolas e sem o canto plangente dos barqueiros. É pena, francamente, que estas inundações provoquem tantos desastres e causem tantas amarguras, porque tem, por vezes, aspectos lindos dignos do pincel do mais inspirado pintor

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Marechal Joubert de la Fert, da Aviação Inglesa, comandante em chefe das Esquadras Aéreas de Defesa de Costa, chegou há dias a Lisboa, num hidro-avião de bombardeamento, escoltado por mais três aparelhos da Armada Britânica. A gravura acima apresenta o marechal ao desembarcar no Centro do Bom Sucesso acompanhado por aviadores portugueses. — A' direita: o marechal recebido pelo nosso ministro da Marinha

O 1.º centenário da Escola Politécnica — As festas comemorativas do centenário da Escola Politécnica revestiram o maior brilhantismo. A gravura acima apresenta os professores e os alunos antigos e actuais saíndo do edifício da Escola, após a cerimónia do descerramento da lápida à memória dos mestres, alunos e empregados mortos durante o primeiro século de existência dêste modelar estabelecimento de ensino superior. — A' direita: um grupo de alunos à porta da Escola

Escola Politécnica — Após o descerramento da lápida, vendo-se, à esquerda, o sr. tenente-coronel João Tamagnini Barbosa, antigo aluno, e à direita, a menina Paulette de Lourdes Dartout, aluna mais nova da Faculdade de Ciências. — A' direita: o Chefe do Estado com os membros do Govêrno e os catedráticos na sessão solene realizada na Academia das Ciências em comemoração do 1.º centenário da Escola Politécnica

Príncipe de Cantacuzéne — Esta gloriosa figura do exército romeno passou há dias por Lisboa, a caminho da Espanha, onde ia em missão especial. A gravura acima apresenta o príncipe conversando com o encarregado dos Negócios da Roménia

Casa Pia de Lisboa — Os antigos alunos da Casa Pia prestaram entusiastica homenagem aos srs. dr. Fernando Brederode, arquitecto António do Couto e coronel W. G. Fernando Pope, beneméritos dêste modelar estabelecimento de ensino. A nossa gravura apresenta os três ilustres homenageados após a cerimónia. Em todos êles se reflete a plena satisfação do dever cumprido

Cruzador holandês no Tejo — Chegando a Lisboa o cruzador holandês «De Ruyter», a sua guarnição prestou sentida homenagem aos nossos mortos da Grande Guerra. A gravura acima dá um aspecto da cerimónia. — A' direita: Um grupo dos convidados no banquete oferecido ao ministro da Marinha, comandante sr. Ortins Bettencourt na legação da Holanda

Instituto Feminino de Educação e Trabalho — Passando o 37.º aniversário da fundação deste modelar estabelecimento, realizou-se ali uma sessão solene. A gravura acima apresenta o sr. coronel Ferreira Simas, director do Instituto, lendo o seu discurso. — A' direita: Um aspecto da romagem ao tumulo de D. Diniz no convento de Odivelas, promovido pelo Nucleo de Propaganda Educativa «Novos de Portugal»

O mercado da Louzã — quadro de Carlos Reis

NA SOCIEDADE NAAL DE BELAS ARTES

A Grande Expoão Retrospectiva

que veio mostrar-nos andeza dos nossos artistas

NA Sociedade Nacional de Belas Artes foi inaugurado à custa de bastantes sacrifícios, uma Exposição Retrospectiva que mereceu ser considerada pela bôa crítica o mais belo documento de meio século de trabalho de consagrados artistas nacionais.

Bem hajam os organizadores que, num rasgo patriótico, vieram provar a grandeza dos nossos artistas, expondo preciosidades que não empalideceriam ao lado das que os mais celebrados museus estrangeiros apresentam aos seus visitantes.

A direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes abre o catálogo desta exposição esplêndida com estas palavras altamente elucidativas:

"Com o fim de verdadeira propaganda de Arte Nacional e de fazer lembrar os nomes gloriosos dos nossos Artistas já falecidos, que foram grandes Mestres, e ainda com o fim de se mostrar que em Portugal se produz Arte como a que se produz noutros países, resolvemos levar a efeito uma Exposição Retrospectiva, que abrangesse um período, aproximadamente de meio século (1880 a 1933)».

Bem hajam, pois, pela sua patriótica iniciativa que atingiu plenamente o seu louvável fim!

A Exposição Retrospectiva, além do seu alto valor, constitui uma deliciosa evocação.

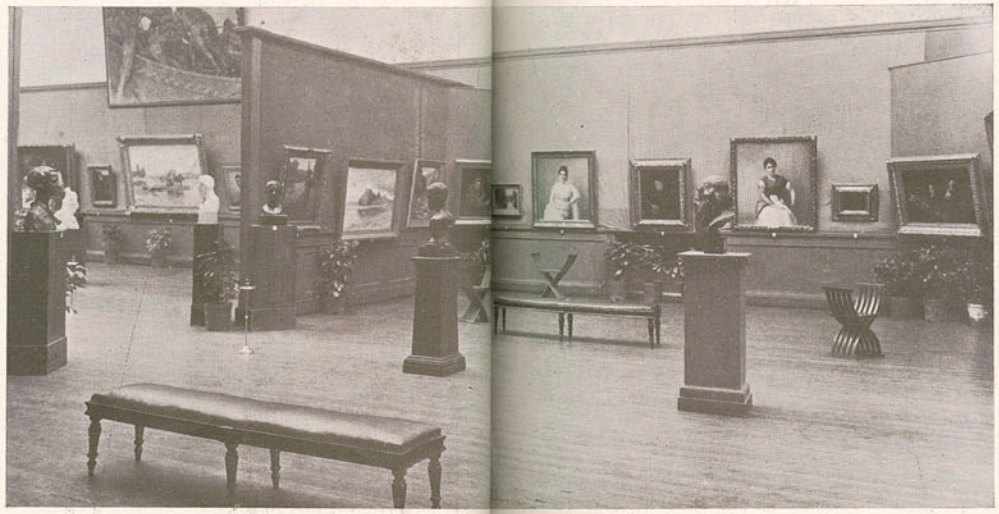
Ali voltamos a vêr as prodigiosas telas de Silva Porto, José Malhoa, Columbano, Ramalho, Constantino Fernandes, Lupi, Girão e tantos outros que a morte nos arrebatou; as esculturas de Soares dos Reis, Simões de Almeida, Anjos Teixeira e Costa Mota, pelos quais a Arte Nacional ainda veste os mais pesados crepes; as aguarelas de Roque Gameiro, Casanova e Pousão que mais avivaram a nossa saüdade; os desenhos de Manuel de Macedo, de Celso Hermínio e Tagarro, sempre novos, sempre belos e sempre originais!

Dos vivos, admiramos tantas obras, tantas, tantas, que seria difícil dar notícia de tôdas as que nos mereceram alguns segundos de contemplação.

Voltamos a vêr o magnífico quadro *Mercado da Louzã* que o insigne Carlos Reis inundou de sol, de vida e movimento, num verdadeiro prodígio da sua paleta mágica.

Tornamos a admirar o nosso sempre moço David de Melo numa das suas mais formosas telas *Na missa da Notre Dame*. Que encanto, que suavidade, que candura angélica nas frontes encarquilhadas dêsses três velhinhos que em meio dos seus sofrimentos, ainda vislumbram a misericórdia divina no palácio encantado da sua fé!

Estas belas demonstrações de génio deram-nos tão grande satisfação, que mais nos orgulhamos de pertencer a esta Pátria querida, cheia de grandeza e magnificência. A nossa terra é, incontestavelmente, um berço fecundo de grandes pintores. Ante tantos prodígios de Arte, não compreende-



Uma das Expo-

mos aquêle queixume de António Nobre:

Qu'é dos pintor's do meu país estranho?
Onde estão êles que não vêem pintar?!

Não. Ao contemplar tantas e tão formosas telas, sentimos desejo de segredar aos iniciados duma Arte Nova que não compreendemos:

O' vós, artistas que pintais de côr,
E ao sabor duma estulta fantasia,
Vinde aprender aqui a ser pintor,
Vinde aprender aqui anatomia!

Na missa da Notre Dame — quadro de David de Melo

Constantino Fernandes

David de Melo — A' direita: Os ilustres pintores Carlos Reis e o seu filho João Reis

Aquela *Procissão*, de João Reis deliciou-nos, encantou-nos tanto pelo seu colorido, pelo seu movimento, que logo o reconhecemos o príncipe que herdou, não por direito divino, mas por direito de conquista, o merecido lugar na dinastia de Reis autênticos a que pertence.

Que bem nos faz contemplar êsses primores de arte assinados por Veloso Salgado, António Saude, Jorge Colaço, Falcão Trigoso D. Fernando de Almeida, Leopoldo de Almeida, Costa Mota, Sobrinho, Francisco Franco, Isabel Gentil, Diogo de Macedo, Delfim Maia, Isidoro Neto, José Pereira, Alexandre da Silva, João da Silva, Simões de Almeida, Sobrinho, Teixeira Lopes, Júlio Vaz Junior, Raul Xavier, Varela Aldemira, Portocarrero de Almeida, Branca Assis, Mário Augusto, Frederico Aires, Hermano Baptista, Maria Chaves Berger, Emília Santos Braga, Ortigão Burnay, José Campas, Raul Carapinha, Maria Amélia Magalhães Carneiro, Maria de Lourdes Melo e Castro, Eugénia Coelho, Eugénio Colson, Conceição Silva, José Contente, Joaquim Costa, Margarida Costa, João Ribeiro Cristino, Pedro Cruz, Albino Cunha, Romano Esteves, Berta Durão Ferreira, Ferreira da Costa, Henrique Franco, Fausto Conçalves, Sára Conçalves, Pedro Guedes, Eduarda Lapa, Acácio Lino, Joaquim Lopes, Armando de Lucena, Manuel Lúcio, Machado da Luz, Malta, Matoso da Fonseca, Medina, Alfredo Migueis, Narciso Morais, Serra da Mota, Maria Amélia Costa, Nery, Emerico Nunes, Beatriz Pais, Ezequiel Pereira, Joaquim Porfírio, Zoé Batalha Reis, Ribeiro Junior, Eduardo Romero, Saavedra Machado, Alda Machado Santos, Fernando dos Santos, Alberto Silva, Constâncio da Silva, Almeida e Silva, Sousa Lopes, José de Sousa, Sousa Pinto, Henrique Tavares, Júlio Tôrres, Raul Trindade Chagas, Jaime Verde, Domingos Costa, Alves de Sá, Berta Borges, Paula Campos, Alfredo Cândido, Silva e Castro, Mário Costa, José Felix, João Marques, Salvador Marques Junior, Tertuliano Marques, Martins Barata, Alfredo de Morais, Carlos Moura, Raquel Roque Gameiro, Augusto Pina, Carlos Ramos, Mário Passos Reis, Signa Rebelo, Alberto de Sousa, Maria de Jesus Conceição Silva e tantos outros!

José Malhoa

Quem tiver olhos que veja, e então poderá convencer-se de que em Portugal há artistas tão grandes, tão perfeitos, tão geniais como os que os mais adiantados países estrangeiros apregôam, de polo a polo, graças ao som altivo e portentoso das suas tubas reclamativas.

A bela iniciativa da realização de um tão grandioso certame artístico, leva um incitamento poderoso a muitos espíritos prematuramente desiludidos.

O SEU GRANDE AMOR

— Meu amor... minha ternura... meu encanto... — soluçava baixinho, num cicio brando e perfumado como o rumorejar voluptuoso da brisa a perpassar nas folhas suas namoradas, a voz de Jorge, rentinha a bôca ao ouvido da bem-amada, que o escutava de olhos cerrados, a deixar-se embalar na música cariciosa que lhe afagava a alma, perdida no sônho da bela ilusão — Como és linda!... Como és adoravel... Quando me olhas, julgo vêr junto dos meus os teus olhos... aquêles olhos tão lindos que me prenderam e me enfeitiçaram para sempre... Quando contemplo o recorte admiravel da tua bôca, chego a crêr que *ela* reviveu... e na sua vozinha fresca, cantante, cascalhando riso sôbre riso, me vai pedir um beijo!... Como é dôce esta ilusão... Como ela adormenta o rasgão que o espinho da saüdade me deixou! Judite... Não te mexes... Assim, reclinada a tua cabeça no meu ombro, é como se ela voltasse para o pé de mim... e eu fôsse feliz! Mas, dessa vez, o pedido de Jorge não foi satisfeito.

As lindas pálpebras azuladas ergueram-se, na sombra imensa das longas pestanas, a revelarem o tesouro avaramente guardado, o brilho fatal de negridão das suas pupilas ardentes. A bôca contraiu-se-lhe violenta, e ela, desprendendo-se do abraço de Jorge, que ajoelhado a seus pés, a afagava, endireitou-se na cadeira, compondo os cabelos loiros.

Fitou-o um momento, com um sorriso amargurado e irónico. E disse depois:

— Francamente... Jorge! És bem pouco amável para com aquela que dentro em quinze dias será tua mulher

— Pouco amável?! Mas, por Deus, Judite, que te adoro!

Olharam-se nos olhos, fixamente, êle, na expressão apaixonada do artista caído em êxtase frente ao modlêo sublime, ela no enigmático sorriso de estátua que o fogo de Prometeu não anima.

— Sim — concordou — Adoras me... E porquê? Porque tudo em mim te evoca *aquela* que perdeste, e choras! — Será tôda a minha vida!

— E eu tôda a tua vida sou! Adoras-me... porque a adoravas! Porque em mim... só a vês... a *ela!* Porque o destino nos fez semelhantes...

— Acaso terás ciúmes? — inquiriu Jorge, prendendo a esquiva mão que lhe fugia.

— Ciúmes? Ciúmes? E porque não, se te quero tanto?

— E eu amo-te!... repetiu Jorge, beijando a mãosinha que palpitava como rolita assustada, e, na cegueira da loucura que lhe vendava os olhos, continuou, extasiado:

— Como os teus olhos brilham! São os *dela*, os da minha...

Não prosseguiu.

Judite erguera-se, crispada, empalidecida, e, recuando, exclamava, num acento despedaçador:

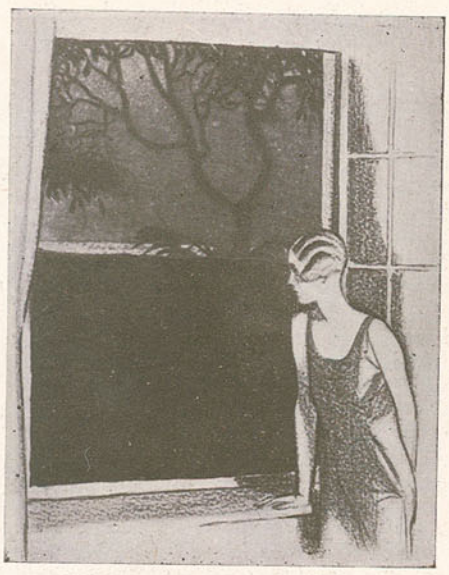
— *Ela! ela! ela!* sempre, a morta, a meter-se entre nós! Para que te ouvir, Jorge, se havia de sofrer esta tortura? Para que escutei os teus protestos de amor? Julguei que o meu mor ofuscaria a sua imagem, que virias a gostar de mim pelo que sou, pelo que valho, pelo que te quero! E é a ela... hoje e sempre, que amas e beijas! Oh! Odeio-a!

— Odeia-la?!

Jorge cresceu para ela, e, num impulso de irreprimivel cólera, tapou-lhe a bôca com a mão, impedindo-a de gritar o sofrimento que lhe dilacerava o coração amante:

— Cala-te! Cala te! — bradou — Insensata, que não sabes o que dizes! Censuras me... choras... lamentas-te como se soubesses o que são anos e anos a esconder do mundo indiferente as lágrimas que nos quimam as pálpebras!

Tu sabes lá!... Ouve... Adoravamo-nos... eramos felizes... como só o são dois entes que nasceram um para o outro... Era límpido e radiante o céu da nossa vida... nem uma núvem quebrava a bonança do nosso viver... Adoravamo-nos! Eis tudo! Mas, um dia,— negro dia êsse! eu... — fui eu! — matei-a com o automóvel de encontro a uma árvore! Horror! julgo vê-la ainda, a esvaír-se em sangue, ela, a minha vida!... Perdi os sentidos! Quando voltei a mim, num leito do hospital, tudo estava acabado! Como não morri então? Como pude sobreviver à perda imensa que me desgraçava? Como pude resistir à dôr de não mais vêr êsse sorriso que era meu e de não sentir bater o coração que me pertencia? Oh! A cobardia dos homens! E não morri, não! Pude resistir à agonia de saber que êsse corpo lindo que me estremecia, dava repasto aos vermes... e só por minha culpa! Mas o que tenho padecido! Vivi, sim, mas soluçando, arrastando como um fardo pavoroso o desespero que me alanciava, que me enlouquecia! Para olvidar, procurei aturdir-me, entontecer-me. Pungia-me o remorso! E só eu sei, quanta vez - oh, quanta! — os meus dentes retalhavam os lençois para não gritar a minha tortura, quanta vez as unhas me rasgavam a carne, para dominar por uma outra dôr a que me dilacerava!... E, um dia... vi-te! Então, julguei que o passado fosse um pesadêlo horrivel... Cuidei voltar a vê-la, como nos tempos ditosos do nosso primeiro noivado, graciosa, delicada, tôda amor e ternura... Pedi a Deus que não destruisse a ilusão que me fazia feliz!... E queres tu que eu esqueça? Mas esquecer, o quê? Esquecer, seria morrer, porque tu e ela... são o meu grande amor!



A êle, o sêr a que o mundo deu o nome de forte, chorava, chorava, fraco como uma criança, porque o sofrimento torna-nos a todos, pobres entes débeis, que suplicam afagos e consolações.

Sim, chorava porque era bom, porque era amante, porque tinha coração!

Feliz, feliz era ainda porque só é profundamente desgraçado todo aquele que na dôr, no cinismo ou na descrença não consegue encontrar lenitivo e amparo!

Porém, Judite não se deixou vencer.

Sem dúvida, grande enternecimento a tomava... mas, ela era mulher, era bela — e amava!... Ora a mulher que ama é cruel... mas depois quere perdoar!

Judite compreendia bem! No entanto, tornava-se-lhe duro acima das suas forças, aceitar o culto que, dirigido a ela, viva, era todo para a outra, a morta!

Levantou o rosto que conservava pensativamente inclinado, e aproximando-se de Jorge, colocou-lhe as lindas mãos nos ombros:

— Lamentemo-nos, meu pobre amigo! — disse — que já nos iludimos muito! Não é possível realizarmos o nosso anelo... Eu sou demasiado nova, é muito grande o meu amor..., muito grande a minha sensibilidade, e sou acima, de tudo, mulher, e a uma mulher ninguêm pode exigir mais abnegação do que a que ela pode dar! No teu coração, vive outra imagem, — que não a minha! na tua bôca um outro nome vibra a cada instante!

Perdôa-me, Jorge! Mas... não posso! Perto de ti, nesta tortura de hora a hora... antes longe, embora padecendo a saüdade!

— Mas, eu... — balbuciou Jorge.

— Tu continuarás a chorar aquela... que é o teu amor, a tua vida!

Afastou-se, devagarinho, como se esperasse ainda qualquer coisa que evitasse o mal!...

Debalde!

Jorge baixara a cabeça, e aceitara o derradeiro golpe dêsse destino que se lhe mostrava tão impiedoso, quanto, na verdade – pobre dêle! — o não merecia.

Então, Judite transpoz a porta, e, quando o seu vulto encantador se esbateu nas sombras do diminuto horizonte, foi como se, num dia de sol, o astro mil vezes bendito rolasse nos arcanos do infinito e deixasse em trevas o mundo...

Também, para Jorge, era o seu sol que para sempre se ia, e o deixava gelado, tonto, ébrio da luz de outróra – pobre cèguinho condenado à escuridão da morte!

.....

Manhã de sol! Doirada, subtil, canora, em revoadas de perfumes e amores, que ternamente se enlaçam num himeneu festivo, por êsse ceu azul, donde cai a luz que é pão, é alma, é vida! Manhã de sol! — outra não há que ao nosso coração melhor comunique a alegria de viver, ou que mais duramente nos dilacere com a recordação de horas felizes, quando era linda a existência!

Como são lindas as manhãs de sol nesta cidade de encanto!

Nas suas sete colinas, Lisboa estende a casaria branca e irregular, que vem descendo mansinha até à beira-rio, êsse rio que de longes terras a vem demandando numa sêde de beleza, e a que ela, meiga soberana, se revê, agradecida de tanta adoração.

Cintilam como diamantes, os vidros das janelas onde o sol se espelha; bailam no ar, em auspicioso enlace, o canto dos sinos que repicam e os pregões alacres da boa gente que trabalha!

Linda manhã de sol! Linda Lisboa!

Frente ao cais, majestoso de imponência soberba, ergue-se um paquete, cidade flutuante que sofre de inveja, tanto a perturba a formosura dessa outra que o recebeu, principesca e cortês, como só ela sabe sê-lo. Falta apenas dez minutos para que êle parta, e no cais estrepitam clamorosos os gritos de última hora, numa azáfama crescente de gentes e bagagens, que se atropelam para serem os primeiros a entrar no navio.

Entre a chusma de turistas de olhos azuis e cabelo côr de espigas que abandonavam a capital, notava-se, no "deck" da primeira, um homem, que pela expressão maguada, pela saüdade que seus olhos escuros traduziam, revelava bem a origem portuguesa.

Alongava a vista pela cidade princesa em dolorosa ansiedade, com êsse frenesi tão próprio de quem sofre e não quere que ninguém o saiba.

Jorge de Macedo dizia adeus a Portugal!

Lentamente, extraiu duma algibeira um papel amarrotado que dizia assim:

"Pelo muito que tenho sofrido, pelo muito que sofro ainda, te juro que fôste injusta!

Mas é melhor assim! Simplesmente, como me faltem êsses restos de coragem que seriam precisos para viver sob o mesmo ceu que te cobre, e respirar o mesmo ar que te dá alento, longe de ti, longe da felicidade, eu parto... para todo o sempre.

Vou, buscar, lá, nesse além distante a morte que me não quis nesta terra bendita onde *Ela* viveu, onde tu vives, meu amor!

Adeus!„

Era a cópia da carta que, no momento derradeiro, enviara a Judite... Era o grito desvairado do seu coração a partir-se!...

Faltavam só cinco minutos para o vapor partir.

Então, sem bem saber porque, nesse último momento, Jorge quis evocar quem fôra todo o seu amor.

Quis, descobrindo com unção o sacrário luminoso das recordações, onde jaziam dispersas poalhas de ventura ida, voltar a vê-la no altar saüdoso que em sua alma erguera, como no dia em que a levara pelo braço, linda, admirável, preciosa, numa atmosfera branca de música e amor, receber a benção do Altíssimo...

E tudo tentou para atingir a amarga delícia dêsse misterioso ressuscitar...

Debalde!

Via-a, sim, mas de rosto compungido, doloroso... olhos angustiosos e recriminadores e numa expressão que êle jàmais lhe vira!

E de súbito, fez-se a claridade radiante sôbre o mistério!

Essa face maguada... era a de Judite, tal qual a vira na hora do cruel desencontro. Era a face meiga, cuja ausência sempre o deixaria imerso em trevas, ainda que no ceu lampejasse o mais rútilo dos sóis.

Ele amava-a, a ela, à sua Judite! Jorge, chorava a morta, mas chorava mais a viva, que perdia!

Doeu-lhe a alma num remorso que o sentimento indizível de alegria que o sufocava mais acirrou...

E pedindo perdão à extinta adorada, confessou-lhe mentalmente a sua fraqueza!

Baixinho, murmurou:

— Judite!

Milagre? Visão? Judite, pois era ela, linda, radiante de ternura, estava ali no cais, a estender-lhe os braços, a atraí-lo.

Jorge desembarcou apressadamente.

Num gesto quási inconsciente abraçou-a e beijou-lhe os cabelos perfumados.

— Porque vieste, meu amor?

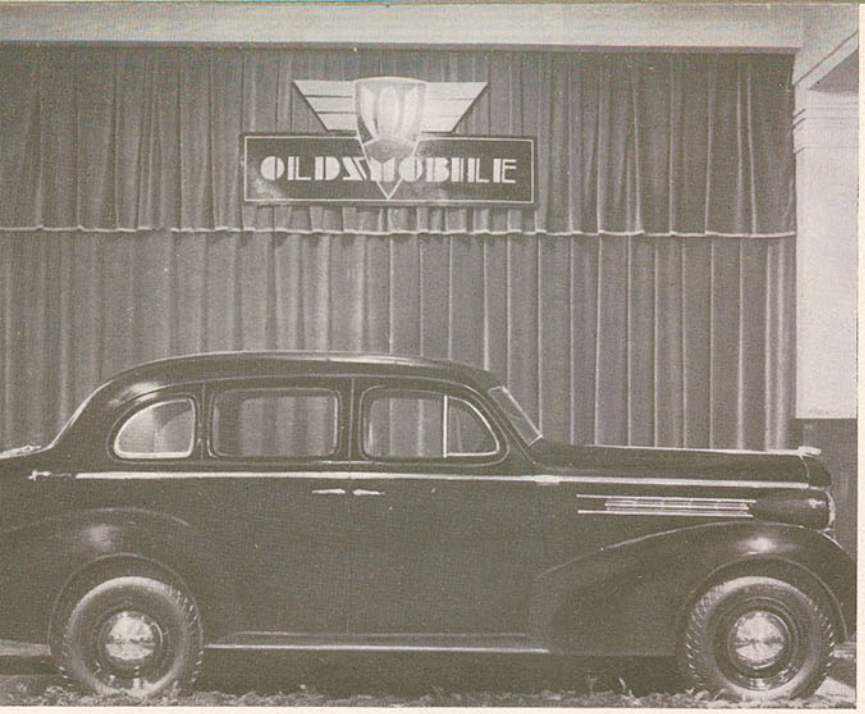
— Recebi tua carta... Quero-te muito! Que me importa o resto? Gostas de ver os meus olhos, porque são iguais aos dela?

Um apito estridente cortou os ares... O barco partia ao seu destino.

Ficaram-se quedos, mudos, abraçados, a verem afastar-se na sua majestosa linha o paquete que por pouco não o furtara ao sol esplêndido da sua pátria.

Jorge, devagarinho, beijou-a... A outra? A Judite? Não. Apenas o seu Grande Amor!

Odette Passos de Saint-Maurice



«Oldsmobile» o carro que marcou em 1937

Constituiu um incontestável sucesso dos automóveis americanos entre nós a recente exposição dos novos modêlos «Oldsmobile», de 1937, uma das marcas de maior e mais justificado renome no nosso País.

Alguns milhares de pessoas teem passado pelo Stand da Sociedade Comercial Luso Francesa, á Avenida 24 de Julho 70, onde êsses modêlos teem estado expostos, não regateando os mais espontaneos elogios ás excepcionais qualidades que o caracterisam, tanto sob o ponto de vista da sua mecânica, como da parte referente á sua extrema elegância tão harmònicamente conjugada com a inexcedivel comodidade que imediatamente resalta do simples exame do interior da carrosserie.

Automóveis de variegadas côres, preta, azul, beije, cinsenta e grenat, de quatro portas, alojando com toda a comodidade seis pessoas, o novo «Oldsmobile» atingiu uma categoria tal que não receia o confronto com qualquer dos seus congéneres, tanto técnicamente em relação ao seu motor, como no que diz respeito a comodidade e elegância.

Estão já claramente definidas as características que recomendam a aquisição de um «Oldsmobile» e que constam dêste decálogo-acróstico deveras interessante que respigamos da imprensa diária.

O automóvel mais elegante de 1937.
L arga visibilidade através o melhor pára-brise.
D uplo estabilisador de viragem.
S uspensão dianteira independente.
M aior espaço interior na carrosserie.
O disco de embraiagem de novo tipo e maior superfície.
B anco dianteiro ajustável horisontal e verticalmente.
I negualável confôrto e inexcedivel comodidade.
L inhas de uma elegância absolutamente inconfundível.
E cónomia no custo e no consumo, sem prejuizo do rendimento.

E é êste o decálogo em que se firmam as características dêste carro, bom, bonito, sólido, veloz e elegante que tão habilmente se destacava na cuidada decoração do Stand da Sociedade Comercial Luso Francesa, á Avenida 24 de Julho 70, feericamente iluminada nas noites em que esteve aberto ao público.

Óleos excelentes

Escolhido um bom automóvel impõe-se imediatamente o cuidado no lubrificante a empregar visto que dêle depende não só a conservação do carro como ainda a segurança das pessôas que êle conduz.

Óleos de lubrificação há muitos, várias são as marcas espalhadas por todos os mercados, mas nós devemos escolher os que, pelas indiscutíveis provas já prestadas, oficialmente consagrandas, têem direito à nossa absoluta confiança. Só na América há cêrca de 23.000 fábricas de óleos, mas ali mesmo o mais rápido comboio do Mundo inteiro, da Union Pacific, a motores Diesel, que lhe proporcionam a velocidade de 185 quilómetros á hora, é lubrificado exclusivamente a Pennzoil.

Mais de metade da aviação comercial que percorre oitenta milhões de quilómetros transportando meio milhão de passageiros em cada ano, lubrifica os seus aparelhos com o Pennzoil. As companhias de navegação aérea eram ali forçadas a revisar os motores dos seus aparelhos logo que atingissem duzentas horas de vôo. Graças a êste óleo podem agora voar sem revisão quinhentas horas, o que se conseguiu com a experiência realisada com um aparelho da United Air Lines, lubrificado com Pennzoil, sob o contrôle e fiscalisação do Departamento da Aviação do Mi-Ministério do Comércio dos Estados Unidos da América.

Outro depoimento não menos concludente vamos encontrar na revista técnica americana *Motor Service Magazine* que fez pública uma experiência comparativa entre os oito melhores óleos americanos, para avaliar a quantidade de borra (sludge) produzida por cada um deles. Muito embora esta revista tenha o nome daquelas marcas, limitamo nos a representá-las no respectivo quadro por números:

Pennzoil	1,2	Óleo n.º 5...	61,3
Óleo n.º 1...	32,6	» » 6...	62
» » 2..	33,3	» » 7...	77,3
» » 3...	49,7	» » 8...	81

Esta é a prova mais irrefutavel, indiscutível, da decisiva superioridade dos óleos Pennzoil que representam ainda a economia de 50 % no próprio óleo, 10 a 15 % na gasolina e mais de 75 % em reparações que o Pennzoil reduz ao mínimo. São muitos os automobilistas portugueses que atestam que, verificando os motores dos seus carros aos 50.000 quilómetros a pequena quantidade de carvão encontrado tirava-se com a lâmina de um canivete, pois formára uma película insignificante.

O Pennzoil é vendido em Portugal em embalagens seladas na orígem, tal qual sai da refinação onde é tratado, na Pensilvânia, pelos mais aperfeiçoados processos, e é vendido entre nós pelo mesmo preço do que na América, em vasilhas com duplo sêlo de orígem, por intermédio dos seus Agentes gerais, A. Contreras, L.da — rua Eugénio Santos, 112, em Lisboa e pelos sub-agentes no Norte, a Electro-Vulcanisadora, rua Alexandre Herculano, 394, no Porto.

Um «Oldsmobile» em exposição

Um aspecto das fábricas do Pennzoil, na Pensylvania

O auto-rádio «Motorola»

Faz o auto-rádio, parte do equipamento de um carro?

Não! E' um acessório que tem de se pagar àparte!

Então temos de adquirir um «Motorola»...

Um bom automóvel deve ter, como indispensável acessório, e por sinal bem agradável, um aparelho de radiofonia, um auto-rádio, por isso que proporciona aos seus passageiros umas horas bem passadas de bela música captada de várias emissoras espalhadas por êsse mundo fóra.

A escôlha dêsse aparelho tornou-se fácil desde que apareceu o «Motorola», fabricado exclusivamente para êste efeito por engenheiros especialisados que lhe asseguraram um inegualável funcionamento, enorme potência, sintonisação completa, captando a maior distância e no tom mais puro e natural.

Podendo adaptar se ao «tablier» de qualquer carro o «Motorola» dispõe de três modêlos o n.º «100», de oito válvulas, o «75» de seis e o «57» de cinco, todos êles equipados com o «Eliminador Mágico», exclusivo seu, que faculta uma plena eficiência da ignição e do motor e elimina completamente os ruídos, assegurando assim uma recepção absolutamente pura e livre de quaisquer interferências.

Mas emfim os factos valem mais que os argumentos. Assim é que o «Motorola» equipa os carros de Sua Excelência, o Sr. Presidente da República Portuguesa, do antigo Príncipe de Gales, de Sir Malcolm Campbell, o az internacional do automobilismo, a Rádio dos Caminhos de Ferro, etc.

A estação de serviço «Auto-Rádio Motorola» tem a sua séde na rua Rodrigo da Fonseca, 61-C, 61-D, sendo ainda representante dos excelentes aparelhos

DELCO RADIO

LUCIANO CORDEIRO
POETA

LUCIANO CORDEIRO, aquele montanhês severo que, um dia, se dignou descer das brenhas hirsutas da sua Mirandela, a ensinar aos civilizados alfacinhas como se faz literatura séria e proveitosa, começou por ser poeta lírico nos belos tempos da sua adolescência!

Como bom lusíada, ao sentir a nostalgia da Pátria, fez versos de inspiração tão suave como o brando ciciar duma asa de ave.

Um dia, como êle próprio conta, "a sorte arrojou-o para terra distante", onde ficou sem carícias maternas, entregue apenas à sua soledade.

Tinha ido fazer os seus estudos preparatórios para uma mais larga vida, no liceu do Funchal.

As formosas païsagens da Pérola do Atlântico não o deslumbraram. É que o trasmontano Luciano Cordeiro viera de mais alto, das vetustas serranias da sua província. As paragens madeirenses poderiam ostentar o aspecto florido de postal ilustrado que tanto agrada aos namorados e às borboletas... Mas o que seria isso para quem se habituara a olhar para as altas montanhas que, em tôda a sua majestade, mais pareciam sustentáculos do firmamento?

Foi na ilha da Madeira que Luciano Cordeiro curtiu as suas primeiras saüdades.

Anos depois, já aspirante de marinha, voltando ao local em que estivera exilado pela necessidade de estudar, sentiu novamente êsse "delicioso pungir de acerbo espinho".

A águia sentia saüdades do seu ninho ditoso. E então desabafava, visionando a santa velhinha que de longe o estaria abençoando:

Luciano Cordeiro

A MINHA MÃE

Ás praias de além, formosas, risonhas,
levai, meiga brisa, meu triste cantar;
é canto de amor, de terna lembrança,
que a lira saudosa não pôde calar.

É canto singelo, de infinda saudade,
que sinto no peito, bem funda a pungir;
á mãe extremosa, que o filho pranteia,
levai tibias auras, seu grato sentir.

É canto mui pobre de maga poesia,
mas rico de afectos, dever, gratidão,
que diz, que traduz tristezas de ausência,
saudades de tempos, que não voltarão!!

Ás verdes campinas, aos montes formosos,
levai, ternas auras, meu pobre trovar,
é canto de amor de terna lembrança
que n'alma não póde mais tempo calar.

Não póde... a saudade de tempos ditosos,
de infância risonha, de mago viver,
não pode encontrar-se num peito que sofre,
na vida não póde jamais fenecer.

Nasci... e nos lábios da mãe extremosa
bebi a nobreza de honradas acções,
c'o leite materno libei sentimentos
que são neste mundo meus nobres brazões.

Cresci... em seu colo primeiras lições
de humana ciência também recebi:
as trevas do espírito novel, infantil
á voz maternal rasgarem-se vi.

Um dia... que dia de triste lembrança!
A sorte arrojou-me p'ra terra distante,
da mãe as carícias, do pai os afagos
deixaram-me n'alma saudade constante.

Luciano Cordeiro, aspirante da marinha

E hoje... o que resta ao filho saudoso?
Infância, carinhos, já tudo passou!!
Os tempos dourados, amor e afagos,
de pais e de irmãos a sorte roubou!

Ás praias distantes, aos montes formosos,
às verdes campinas, às brisas do mar,
levai, meiga brisa, o canto sentido
que n'alma não pude mais tempo calar.

Luciano Cordeiro.

Quem poderia supôr que o investigador erudito que tão profundamente penetrara nas *Memórias do Ultramar*, a ponto de fazer falar as próprias pedras (o Padrão de Diogo Cão que o diga!) seria capaz de suplicar às brisas que levassem os seus apaixonados cantos à terra querida em que guardava as suas afeições mais gratas?

Mas se Luciano Cordeiro foi o intérprete desapaixonado, severo e íntegro da *Crise e os Bancos*, da *Questão do Zaire*, o investigador minucioso e perfeito dos *Diireitos do padroado em África*, de *L'hydrographie africaine*, foi também o paisagista delicioso das *Viagens* e o primeiro escritor que em Portugal conseguiu desentulhar dos escombros de êrros acumulados durante muitos anos a figura sugestiva de *Soror Mariana*, sem lhe fazer perder o encanto, e sem faltar à verdade.

De resto, o seu livro *Ciência dos pequeninos (Carteira de um pai)*, só um verdadeiro poeta o poderia escrever.

Azevedo, o guarda-redes do Sporting tem sido esta época um dos jogadores mais em destaque, muito contribuindo para os êxitos que o seu clube tem alcançado

A actividade do futebol no estrangeiro é um aumento que interessa sempre a massa desportiva portuguesa; a grande popularidade de que gosa êste jogo, o facto de ser aquele em que mais intensa tem sido a nossa actividade internacional, tomaram conhecidos os valores relativos dos diversos países europeus e até do domínio vulgar os nomes dos jogadores mais em destaque.

Supomos, por isto, que interessará aos leitores a pequena estatística seguinte sôbre a actividade do futebol entre selecções nacionais no decurso do ano findo de 1936. Realizaram-se durante êsse periodo, entre países europeus e excluindo os jogos do torneio olímpico, 64 jogos internacionais, nos quais tomaram parte 26 nações.

Os países que maior número de encontro disputaram, são a Alemanha, a Hungria e a Suíça, 9 cada, seguindo-se a Austria e a Irlanda, com 8; a Inglaterra com 7; a Checoslovaquia, Bélgica, Itália e Noruega com 6; a Holanda e Polónia com 5; a Espanha, França, País de Gales, Escóssia, Dinamarca, Finlândia e Suécia com 4; Jugoslávia, Estónia e Letónia com 3; Portugal, Luxemburgo, Roménia e Lituania com dois jogos.

Só três selecções passaram o ano sem sofrer derrota, a italiana, que bateu a Suiça duas vezes, a Checoslovaquia e a Hungria, empatando com a Austria e a Alemanha; a holandêsa, vencedora da França, Suiça e Bélgica, com a qual também empatou bem como com a Noruega; e a dinamarquesa que derrotou Suécia, Finlândia e Polónia, empatando com a Noruega.

Ao contrário do que pode supor-se, os grandes mestres britanicos alcançaram um conjunto de resultados muito fraco, só no final do ano resgatando um prestígio comprometido; batidos duas vezes pelo País de Gales, empatam com a Escossia, perdem numa viagem ao continente na Austria e na Bélgica encerrando a série com duas vitórias sôbre a Irlanda e a Hungria.

A descriminação dos encontros mostra-nos que os meses mais activos foram Maio e Setembro, durante cada um dos quais se efectuaram onze jogos internacionais; só no domingo 27 de Setembro tiveram lugar quatro jogos.

O Foot-Ball Club do Pôrto estreou-se em Lisboa, no campeonato das Ligas, em dia de chuva que transformara o terreno em lameiro. Defrontando o Carcavelinhos não passou do empate, jogando sem brilhantismo

A QUINZENA DESPORTIVA

Finalmente, nos 64 encontros do ano, 12 terminaram pelo empate, 25 decidiram-se pela diferença mínima de uma bola e os resultados mais copiosos foram Holanda-Bélgica 8-0, Alemanha B-Luxemburgo 7-2' Jugoslávia-Polónia 9-3; o "record" das derrotas em casa pertence á França com um brinde de 6-1 oferecido pela Holanda em Paris.

A equipa com maior activo é a da Hungria, com 26 bolas, tendo tambem aquela que apresenta o maior passivo com 27 bolas consentidas; o melhor "gool-average" é o da Holanda, 20-5, sendo de todas as nações a que alcançou melhores médias em relação ao número de encontros disputados: 4 bolas marcadas por jogo e apenas 1 sofrida.

■

Á volta da classificação dos clubes portuenses para o campeonato das Ligas, armou-se grossa trovoada nas altas atmosferas do futebol nacional.

O meio activo dirigente do mais popular dos desportos, agita-se periodicamente nestas crises á volta dos quais giram sempre questões de interesse.

O afastamento do Boavista do torneio da I Liga, e a sua substituição pelo Leixões, conseqüência inesperada dum protesto nascido de forma irregular como fôra disputado o campeonato do norte, desagradou como era natural a muita gente, e trouxe no público e imprensa da cidade invicta um péssimo ambiente para os governantes federativos encarregados pelo destino de desmanchar a meada que outros haviam enredado.

Segundo as informações vindas a lume, a Federação teria solicitado, antes de resolver o incidente, à Associação Portuense a indicação solucionatória que mais lhe convinha; esta entidade, porem, não quiz intervir directamente no assunto deixando aos poderes supremos ampla liberdade de critério.

Não nos interessa discutir o bem ou mau acerto da sentença dada embora na certeza absoluta de completa isenção dos juizes, e admitimos também a legítima revolta do Boavista para o qual a relegação para a II Liga representa considerável prejuizo financeiro; o que, porém, merece reparo condenatório e traduz deplorável estado de espírito é o proposito manifestado em reunião pública convocada pelos influentes do club destituido, de recorrer da decisão tornada pelos poderes desportivos para os poderes públicos e para o govêrno da Nação.

Esta atitude é contrária a todos os princípios de disciplina e de moral que regem o desporto em qualquer país; na organização desportiva existe uma jerarquia de autoridade, escalonada como na justiça civil, e à qual se recorre sucessivamente até ao poder supremo cujo voto é inatacável. Mas nada de misturas, cujo precedente seria desastroso e que são até proibidos pela legislação do desporto.

Saber enfrentar a adversidade com aprumo é uma grande virtude desportiva; felizmente, reagindo contra o desencadear das paixões associativas, a direcção do Boavista, salvaguardando todos os direitos de recurso legal que lhe assistem, deu louvavel prova de desportivismo e respeito à ordem, acatando as resoluções superiores.

■

O handball é uma das modalidades que maior desenvolvimento tem tomado em Portugal.

A região do Porto é aquela onde mais se pratica, sendo muito numerosos os clubs que lhe consagram actividade, mas também em Lisboa os torneios da especialidade decorrem com animação em freqüência interessante.

Êste ano o número de agremiações inscritas no campeonato regional diminuiu sensivelmente em relação à época passada, passando de dezasseis para dez. O facto levou a Associação dirigente a a modificar a estrutura da prova, fundindo as duas divisões existentes numa só, dividida em dois grupos eliminatórios cujos melhor classificados serão reunidos na fase final para apuramento do campeão.

As primeiras jornadas da prova, bem como os torneios preliminares da época, indicam a conservação dos mesmos valores relativos nas equipas concorrentes, marcando posição destacada aqueles que no passado tambem mais se distinguiram.

O Sporting, campeão por assinatura, apresenta as suas linhas reforçadas com valiosos elementos e, pela argumentação falivel dos juizos comparativos, parece destinado a conservar o título que tão galhardamente ostenta; terá, contudo, um adversário sempre perigoso no Grupo Desportivo "Os Treze", colectividade que a êste jôgo consagra a mais especial atenção, com previlégio quási exclusivo em relação aos outros jogos de inverno.

Depois dêstes dois grupos, que consideramos os melhores apetrechados para a luta severa do campeonato, o Belenenses e o Benfica possuem valor aproximado, demonstrando o primeiro nítido progresso que a presença dalguns jogadores de mérito, provenientes doutros grupos, pode e deve assentuar.

Nos restantes competidores ha muito entusiasmo e energia, mas bastante menos experiência e muito surpreenderia, que, no final da prova, não fossem os quatro precedentemente citados os ocupantes dos primeiros lugares.

■

Encontra-se actualmente em Paris um lutador português proveniente dos Estados Unidos da América do Norte e precedido do renome de combatente de grande classe. Chama-se. Al. Pereira o nosso compatriota e a sua estreia em luta livre, contra o campeão australiano Bonnie Muir, foi um primeiro êxito que mereceu à crítica as mais elogiosas referências.

Os jornais francêses da especialidade põem em destaque a grande agilidade, rapidez e força do lutador Pereira, apontando-o como uma autentica revelação e considerando-o o único adversário possível para o ídolo nacional Deglane ou para o campeão do mundo Dan Koloff.

É digna de arquivo esta referência a um belo atleta que afirma com brilhantismo nos grandes centros desportivos estrangeiros a sua qualidade de português, e isto tanto mais quanto é certo que toda a sua preparação técnica foi feita na América e ha muitos anos se encontra ausente do país, onde é completamente desconhecido. Esperemos que a sua carreira prossiga com o fulgor inicial, e que haja um emprezário arguto que promova a exibição de Al. Pereira em Portugal, defrontando adversários de categoria condigna do seu valor desportivo.

Salazar Carreira.

O inverno trouxe a plano de actualidade os desportos de inverno. O austriaco Karl Schäffer, campeão do mundo de patinagem artística prepara-se para renovar os seus triunfos

Suzana Lenglen, prestigiosa tennista que o profissionalismo tentou, desapareceu há anos da actualidade desportiva; volta agora, transformada em professora de educação física e propondo-se ensinar á gente nova a arte de manejar da raquette

FIGURAS E FACTOS

Carlos Malheiro Dias.—*Orações e Conferências*—o último livro de Carlos Malheiro Dias, que é incontestavelmente um dos mais prestigiosos escritores de Portugal, constitui uma valiosa colecção de alguns dos seus trabalhos oratórios. Desde há muito que o nosso público se habituou à leitura dos livros dêste escritor insigne que o atrai, o subjuga e o delicia. Quando se decorrem meses sem que apareça uma nova obra do autor de *A Paixão da Maria do Céu*, o público começa a ter saüdades, e a folhear os mais recentes catálogos. Felizmente que Carlos Malheiro Dias se lembra dos seus leitores, e lhes vai dando noticias suas, embora não seja com a freqüência que êles desejariam. Estas *Orações e Conferências* andaram dispersas, manuscritas umas e outras perdidas em colunas de jornais... Felizmente que se salvaram, tanto mais que se tratava de manifestações dum verbo notável do orador, que, no Brasil, principalmente, durante muitos anos fulgurou por cerimónias da maior solenidade. Das páginas dêste livro eleva-se o mais lidimo representante do Pensamento Português, em terras brasileiras. Que todos o admirem e exaltem. Além dum grande patrióta, Carlos Malheiro Dias, é um escritor admiravel e um orador cheio de eloqüência e vibração. Portanto, êste feixe admiravel de belos discursos permite bem a todos os seus muitos admiradores apreciar mais uma faceta formosissima do seu espirito de eleição. E assim sucedeu porque dêste livro, posto à venda há meia dúzia de dias, está quási esgotada a edição. Desta maneira se patenteia a ternura do público por êste grande escritor que tão profundamente soube compreender a sensibilidade do coração

J. M. Cordeiro de Sousa—«Inscrições Portuguesa do Museu do Carmo» é o título de um novo livro do ilustre epigrafista J. M. Cordeiro de Sousa. Todas as epígrafes citadas nesta obra magnífica são acompanhadas de notas tão sugestivas que nos levam a folhear com gôsto êsse pesado livro de saüdades petrificadas. O passado vai passando ali tão flagrante como na hora em que essas pedras históricas foram dolorosamente gravadas

Mário Barros—*Sinfonia incompleta* é o título do novo livro que Mário Barros, o feliz autor da *Sempre noiva*, acaba de publicar, e que atingiu um magnífico êxito

António da Costa Leão—A brilhante conferência realizada ha dias, pelo ilustre filólogo António da Costa Leão sôbre as necessidades da pontuação na escrita pode ser considerada uma das mais belas a que temos assistido nos últimos tempos. E' que, além da beleza de linguagem que nos encantou, trouxe preciosos ensinamentos que todos devemos conseguir. Mais do que um escritor, Costa Leão é um mestre de escritores, pois lhes ensina como se deve escrever

D. Emília de Sousa Costa—Esta ilustre escritora publicou há dias mais dois livros: *Contos da Belilinha* e *A paixão da Ti' Joaninha* em que manifesta a grandeza do seu belo espírito

Albino Lapa—O investigador infatigável da *Questão dos Paineis* apresenta um novo trabalho que intitulou *Voluntários Reais do Comércio de Lisboa*. Nas suas páginas se trata da famosa milícia organizada nos princípios do século XIX, após as invasões napoleónicas, quando Portugal atravessava um dos seus períodos mais graves

Artur Portela—O brilhante jornalista Artur Portela acaba de publicar um novo livro que intitulou *Tumulto* e é um delicioso desfeixe de crónicas que deliciam desde o princípio ao fim. Compreende-se a beleza da obra pelo nome do ilustre escritor que o assina

Banquete oferecido ao embaixador de Inglaterra e Lady Clive pelo ministro de Portugal em Toquio e senhora Tomás Ribeiro de Melo no dia 7 de Dezembro de 1936, vendo-se entre os convidados, os Embaixadores de França, srs. Kammerer; o Delegado Apostólico, Monsenhor Marella; Embaixatriz do Japão no Rio de Janeiro; os Ministros da Suiça, o Ministro Eiji Amau, Director do Departamento de informação, o Chefe do protocolo, sr. S. Hidaka e esposa, o Conselheiro da Embaixada da Alemanha e sr.ª W. Noebel

CADA CABEÇA, CADA SENTENÇA...

A moral é uma coisa que não pode ser aplicada indistintamente a esta como àquela pessoa, por mais que as leis digam que são iguais para tôda a gente.

Devia ser assim, devia, para bem da colectividade e para tranqüilidade das consciências.

Mas não é nem poderá sê-lo nunca, porque todos querem forjar uma moral para seu uso e instituir leis próprias para resolver a seu contento qualquer questão que consigo venha a dar-se.

O povo já o diz nos seus ditados: "Cada cabeça, cada sentença».

E é êsse o grande mal da humanidade — essa ideia tôla e vaidosa de que pode bem guiar-se pelos seus únicos recursos de justiça e critério pessoais.

E dá sempre mau resultado, êste orgulho, esta falta de submissão a um espírito mais forte e mais equilibrado, a quem todos deveriam confiar a resolução de suas queixas e mesmo as suas dúvidas.

■

Não está certo que cada um crie a sua própria moral que deve ser só uma, e respeitada e acatada sem discussão.

E esta — a única moral — é realmente observada pelas mentalidades perfeitas que sabem ver as coisas como elas realmente são, e que nunca deformam os acontecimentos, refletindo-os no espelho de suas tortuosas faculdades críticas.

Assim, os delizes, as faltas mais ou menos graves são encaradas de forma diferente, por cada indivíduo, segundo o grau de compreensão do seu espírito.

Um sujeito que se apossa duma fortuna que lhe não pertence, e deixa o seu verdadeiro dono na mais triste e desconfortável miséria, é, para alguns, apenas um desvairado, que não soube resistir à tentação duma hora má.

Para outros, o desgraçado que deita a mão a uma côdea para matar a fome, a criança que apanha uma maçã caída no chão são uns terríveis facínoras que deviam ser postos a ferros.

Bem sabemos que roubar um conto de reis ou meio tostão é sempre o mesmo verbo, que é um ferrete vergonhoso. Mas é preciso entrar no âmago dêsses actos para conhecer-lhes o lado aflitivo.

■

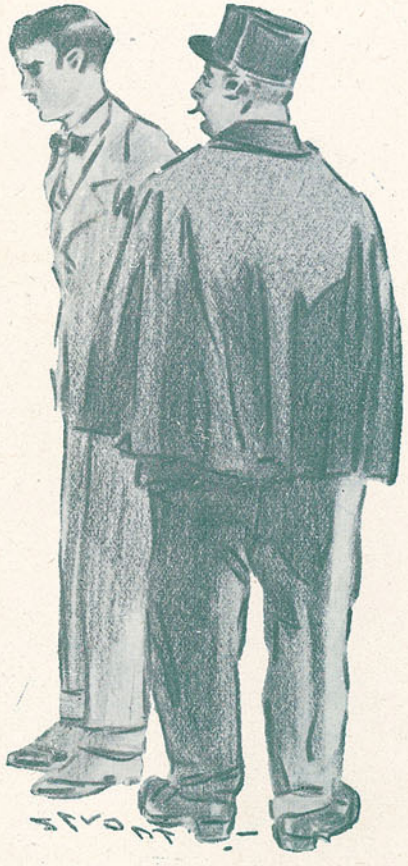
O que não há direito é de fazer justiça por suas mãos, e ainda bem que a lei tem artigos para castigar essa arbitrariedade que às vezes se exerce bem descaroàvelmente.

Vale a pena matar um homem porque anda num campo a furtar umas espigas ou aleijar um garoto que não resistiu à gulodice duma laranja ou dum cacho de uvas?

Decerto que não. É mesmo horroroso privar uma família do seu chefe ou uma mãi do amor do seu filho, por tão pouco.

Temos leis, temos juizes para julgar os que prevaricam, não devemos castigar ninguém por nossas mãos.

A lei de Lynch é cruel e caíu no desagrado de todos os peitos onde pulsa um



coração bem formado, tanto mais que o criminoso às vezes não é o que a turba pensa, há muitas circunstâncias infelizes, coincidências criadas por um mau destino, que fazem ver um assassino ou um ladrão, onde há apenas um desgraçado a quem um triste fado persegue.

Dêste cruel costume é exemplo frisante e reprovador o último filme de Fritz Lang — *Fúria*, onde a multidão, exaltada e feroz quer matar — linchar, neste caso — um pobre diabo inocente do crime de que o acusam.

Pois se homens inteligentes, conhecendo todos os segredos do código, se polícias amestrados, tendo descoberto o mínimo detalhe das manhas dos patifes que pretendem fugir à responsabilidade de acções que as leis reprovam e castigam se deixam enganar por falsas aparências, cuidando o caso a sangue frio, como há-de uma multidão em fúria controlar os seus actos e saber se há neles justiça?

É conhecida a história do punhal colocado na parede dum tribunal italiano, mesmo sôbre a cadeira do juiz presidente.

Diz a lenda que, tendo sido assassinada uma mulher em certa cidade de Itália, caíram as suspeitas sôbre um pobre padeiro que, embora negasse o crime que lhe imputavam, não conseguiu apresentar provas cabais da sua inocência.

Foi condenado à morte e executado. Pouco depois, foi descoberto o verdadeiro criminoso, verificando-se que o padeiro estava absolutamente inocente.

Daí o ser colocado o punhal do assassino sôbre a cabeça do juiz. Serviria de lembrança.

É preciso reflectir muito demoradamente, antes de tomar uma resolução sôbre assuntos onde está em jôgo a vida ou a reputação do nosso próximo.

■

Se esta lei, pela sua crueldade, e resultados deploráveis de injustiça, caíu por completo ou, antes, falhou sem restricções, uma outra a que o povo se apega às vezes — a da vingança fazendo sofrer ao criminoso a sorte da sua vítima — é em muitos casos inexequível, se bem que esta, que chama a pena de Talião, seja a mais justa.

Li algures qualquer coisa a respeito dum caso dêstes, em que o queixoso, parente da vítima dum acidente, queria para o autor a aplicação dêste castigo.

Mas a parte bicuda da questão era o facto de um sujeito ter caído da janela sôbre outro que passava na rua causando-lhe a morte.

O juiz acedeu ao pedido, e disse que se atirasse o queixoso, da janela sôbre o autor do acidente.

Mas nessa não caíu êle, porque era arriscado e podia sair-lhe exactamente o comtrário do que queria obter.

O melhor é acatar a lei existente, confiar nos homens que são encarregados de a aplicar, acalmar as iras e a sêde de vingança e esperar, sem impaciências, que a justiça decida. E saibamos deslindar a maldade do infortúnio, e não sejamos apressados, em nossos juizos.

Mercedes Blasco.

NESTA época de vertiginosa carreira tudo se faz depressa, tudo se desenvolve num ápice, tudo é rápido.

As viagens que levavam anos fazem-se em meses, as que exigiam meses realizam-se em dias e as que dias precisavam, apenas horas gastam, nesta época de pressa.

Todos vivem trepidantes uma exgotante vida, os momentos vôam e faz-se hoje num dia o que se fazia numa semana, aqui há trinta anos atrás.

Tudo se ressente desta pressa, que é a nota dominante da vida moderna e uma das coisas que mais nos admira é o desenvolvimento das crianças a sua precocidade, o cérebro humano tomou a rapidez de movimento da vida e a inteligência tem um desenvolvimento tão rápido, que chega a ser um assombro.

As crianças de hoje têem um raciocinio de adultos, interessam-se por coisas tão complicadas que chega a causar impressão. Algumas conheço eu, que têem na expressão do olhar uma profundidade que lembram velhas.

A rapidez com que aprendem aquilo que não querem que elas saibam dá o efeito de que já viveram muito e já sabem de mais o que é a vida.

O cinema é uma escola, que as famílias deviam evitar e que não pouco concorre para o desenvolvimento precoce das crianças de hoje.

E é no «écran» que esse desenvolvimento mais se acentua, as crianças prodígio de Hollywood são um assombro, há algumas que podem dar lições da arte de representar a artistas que se consideram sumidades.

Shirley Temple a graciosa garota, que passa da cena gentil e alegre onde até os caracóis do seu anelado cabelo riem, para a mais dramática expressão, correndo-lhe fios de lágrimas dos olhos e estendendo os seus pequeninos bracinhos numa patética expressão de dôr, poderia mostrar a adultas como se representa com naturalidade com profunda verdade.

Jane Withers criança sem beleza, tem na sua expressão uma tal mobilidade, que poucas artistas conseguem; um dos seus filmes, tem uma imitação de Greta Garbo, que revela uma profunda observação, que não é natural naquela idade.

Os rapazinhos têm atingido o máximo como artistas. Depois de Jackie Coogan o garoto de Charlot, temos Jackie Cooper o pequeno grande artista, que é duma admirável expressão e que contracena admiravelmente com o grande artista que é Wallace Beery.

Mas um dos maiores em gente pequena é Freddie Bartholomew, o soberbo intérprete do «Pequeno Lord». A serenidade com que representa a natnralidade com que incarna o seu papel é um assombro.

Interessando-me muito pelas crianças eu vejo sempre os filmes em que elas se exibem.

Admiro-as sinto-mo maravilhada com a sua profunda intuição da arte de representar espantam-me essas pequenas almas que nascem impregnadas de arte e compreensão.

Assombram-me e entristecem-me vejo-as com ternura e sinto a maior compaixão. Não são já crianças são instrumentos de ganho para aqueles que as exploram sejam pais, tutores ou empresários.

A expontaneidade de vida da criança está tolhida. Têem responsabilidades, contratos a cumprir, desde que abrem os olhos, personagens a encarnar estudos a fazer. No momento em que lhes apetece dar um pontapé numa bola, têem de ir para o «studio» filmar, sujeitar-se ao martírio das fotografias mal sucedidas, da luz fortíssima, ao mau humor dos encenadores, às mil e uma maçadas, que constituem a invejada vida dos artistas de cinema.

E comparo mentalmente a felicidade da vida dessas crianças inglesas, que até tarde vivem a fácil vida das «nurseries» numa vida animal póde dizer-se, sem preocupações alheada por completo da vida dos adultos, num ninho que os pais velam desenvolvendo-se sem precocidades, numa saúde perfeita, e, ao fazer essa comparação o coração aperta-se me e a piedade invade-me a alma, uma impiedade imensa pela criança célebre, que ganha milhões e que não tem infância.

Porque a não tem, a infância é a vida descuidada e não as preocupações de incarar tipos de romance ou drama e de ganhar dinheiro.

E todo o coração de mulher, que sinta e pensa, deve sentir o mesmo, admiração e tristeza, assombro e aflição.

E' tão bom ser criança e há tanto tempo para viver a vida, que faz pena ver a vertiginosa rapidez da vida das crianças prodigio, que tantas são elas nesta época de vertiginosa carreira, que marca o século vinte como o século da pressa. Ter alguém cedo bem cedo para viver depressa muito depressa,

Maria de Eça.

PÁGINAS FEMININAS

A moda

ESTE inverno que tem decorrido tão doce e suave, tem-se prestado à fantasia da moda que êste ano pôs de parte o exagêro de agasalhos com que nos últimos invernos nos carregava. Acabaram-se as golas que escondiam as cabeças e que por trás dava o aspecto a algumas senhoras, dum casaco com um chapéu em cima, sem ter cabeça onde assentar.

Êste ano o exagero tem sido para o contrário, há alguns casacos, que quási não tem gola e que nada guarnece, não é muito prático porque, se até aqui não temos tido grande frio, nada nos diz que duma hora para a outra o frio não aperte e não vejamos com saüdades os velhos casacos de altas golas, que se não eram muito favoráveis à «silhouete» feminina, tinham a vantagem de nas tardes ásperas e frias proteger contra o frio.

Mas há um meio termo, que é preciso apreciar, porque nem o exagêro das golas até aos olhos nem o desconfôrto de não ter a mais pequena gola a abrigar o pescoço.

Damos hoje um modêlo de casaco muito confortável e agradável, que junta a comodidade ao agasalho, o que é sempre para apreciar neste tempo que não merece confiança.

Êste casaco forma conjunto com a saia e a «chandaille» que veste por dentro. A saia é um pano verde azeitona, a «chandaille» em «tricot» de lã em quadrados verde e castanho.

O casaco em «tweed» castanho fecha com um cinto da mesma fazenda e tem uma ampla gola forma chale em cordeiro da India, que num dia de frio forte será muito confortável.

O chapéu em feltro castanho tem a aba forrada de veludo verde, do mesmo tom da saia e dos quadrados da «chandaille». Que género prático e simples é uma «toilette» muito completa o que a torna elegante e útil.

Como «tailleur», o que tanto se usa agora; aqui temos um modêlo usado por Myrna Loy, a elegante estrêla da Metro Goldwyn Mayer, em veludo de lã verde, do mais vivo tom é dum corte muito simples e se não fôsse duma fazenda tão forte e ornada com uma gola tão farta, que abriga os ombros e o peito da maneira mais agradável, sapatos e luvas pretas, carteira verde, e chapéu em veludo verde é guarnecido por uma pena e uma fita pretas.

É um conjunto prático e simpático, e, do melhor efeito.

Para chás e visitas um elegantíssimo vestido em lã «cloqueé» roxa. As mangas dum efeito modernissimo, favorecem as «silhouettes» delgadas como a de Katherine de Mille, da Paramount, que com a sua graça e beleza dá relêvo a esta «toilette», que um simples chapéu em feltro torna mais graciosa e leal.

Duas lindas raposas «argenteés» dão-lhe a nota da estação e o aspecto «toilette», luvas em «suéde» cinzento. Um colar de perolas rivaliza com a dentadura perfeita da linda Katherine.

Para a noite um maravilhoso vestido em seda «claquée» branca e prata, que veste com a máxima elegância a figura perfeita de Elissa Gaudi, a distinta estrêla da Metro Goldwyn Mayer. Elissa Gaudi é célebre em Hollywood, pela sobriedade das suas «toilettes» e pela nota pessoal, como jóias, apenas no peito um «elip» e uma linda pulseira em brilhantes.

As luvas pretas dão a esta distinta «toilette» uma nota original pois formam um vivo contraste com a sua alvura. Para as senhoras, que apreciam a originalidade é um modêlo a seguir.

A elegância do vestir consiste sobretudo, na nota pessoal e no saber escolher o que convém, à figura, á cara e à forma de viver. Tudo o que seja, escolher ao acaso não pode dar resultado.

Higiene e beleza

Os pés devem ser tratados com o máximo carinho, pois são êles que nos conduzem na vida através de tão maus caminhos muitas vezes e que hoje na vida activa da mulher moderna tanto trabalho têm.

Tôda a mulher cautelosa com os seus pés deve todos os dias ao sair do banho, esfregar os calcanhares e a planta dos pés com pedra póme.

Em seguida deve untar os pés com óleo de amêndoas doces, friccionar e cubri-los com pó de talco. Durante o verão em vez de talco aplica-se licopódio em pó.

Quem tenha os pés sensíveis e doridos deve à noite aplicar-lhes a seguinte loção: timol uma grama, essência de alugeu 4 gramas, essência de alfazema 5 gramas, óleo de holanda 1.000 gramas. Tendo de fazer uma longa caminhada ou à noite, se tiverem de usar uns sapatos apertados, locionar os pés com o seguinte preparado: 5 gramas de tanino, misturado com 250 gramas de aguardente canforada. E assim tratados os vossos pés andarão léguas e dansarão horas sem o sentir.

A alimentação

A mulher tem hoje que saber de tudo e a alimentação tem de ser por ela estudada. Os alimentos crus têm o seu lugar bem marcado numa refeição.

A elegância da mesa nada perde com a nota alegre e apetitosa dos pratos com vegetais de côres vivas, os açafates com frutos. Não é demais lembrar às donas de casa que as vitaminas, anti-escorbúticas abundam nos rabanetes, nos agriões, nas maçãs, nas uvas, no limão e na maior parte das frutas.

A parte assea do corpo é alimentada, pelas ervilhas frescas, pelas favas cruas, pelas cenouras, pelos tomates e também pelas amêndoas e nozes. A saúde do sistema nervado é defendida pelas vitaminas que existem nas couves, nas alfaces, nas chicórias, nas laranjas e nas peras.

A composição vegetal das diferentes refeições, tem fatalmente de variar segundo as estações, principalmente no que diz respeito às frutas. Há porém numerosas frutas que são de todo o ano.

Mas não se compreende um almôço, quando não há uns pratinhos com rabanetes, uma salada de tomate. O assado completa-se com os agriões, quando se não faz acompanhar duma linda chicória frizada ou uma salada de alface. Nunca se deve esquecer que os alimentos crus constituem a alimentação natural e que são portanto necessários para manter uma boa saúde.

Simplicidade duma milionária

REALIZOU-SE há pouco uma festa que se tornou célebre pelo dinheiro que nela se dispendeu. Foi oferecida por Mr. Widuer um dos maiores milionários de Filadélfia, para apresentação de sua filha que fez os seus risonhos e doirados dezoito anos.

Os convidados eram todos milionários, as «toilettes» das senhoras eram do melhor gôsto e da maior riqueza, para a festa trabalharam as grandes casas de Paris, Berlim, Londres e Nova-York. As jóias assombravam pela sua beleza e pelo seu valor.

No meio de tanto brilho era notada e considerada a mais bela de tôdas, uma senhora, que vestia, um simples vestido de setim branco, e que apenas tinha duas pérolas nas orelhas e uma num anel.

A simplicidade do seu adôrno tornava mais interessante a beleza fina e loira de Mrs. Ether, que o seu penteado duma simplicidade elegante mais requintada tornava.

Mrs. Ether é a espôsa dum milionário conhecido pelo seu altruismo, ambos dedicam a sua vida a obras sociais do mais elevado alcance, o que a não impede de ser linda e tornar-se notada, a-pesar-da sua simplicidade, nos meios de grande luxo da América.

Receitas de cozinha

Fígado de vitela assado nas brasas com puré de cebolas: Compra-se um quilo de fígado de vitela e parte-se em bifes não muito grossos; tempera-se com sal, pimenta, vinho branco, salsa e um quási nada de louro. Deixam-se estar neste tempêro uma hora ou mais.

Depois em bom azeite, ou banha de porco, fritam-se os bifes e na ocasião de as servir deitam-se-lhe rodelas de cebola na quantidade e servem-se guarnecidos com esparregado de nabiças e batatas fritas. Podem-se deitar uns bocadinhos de presunto para enfeitar e dar gôsto.

Puré de feijão branco: Põe se ao lume o feijão com agua fria, sal, pimenta, cebola picada ou aos bocados, cenouras, salsa e azeite bom. Deixa-se ferver sem parar e sem meter a colher dentro, até êle abrir, devendo deitar-se-lhe agua fria de vez em quando. Quando estiver tudo bem cozido e apurado passa se pelo passador ou peneira e serve-se com bocadinhos de pão torrado frito em manteiga.

Conselhos úteis

Para filtrar petróleo: Quando uma grande quantidade de petróleo está turva, pode tornar-se novamente límpida, filtrando-a. Mas como há de ser? Um velho chapéu de feltro, maleável, dá o melhor resultado.

Coloca-se na borda dum recipiente. segurando as bordas do chapéu com umas pinças de madeira, e deixa-se correr o líquido até ficar transparente.

Maneira de limpar os vidros: Para se limparem os vidros e os espelhos recorre-se quási sempre a um tampão de algodão embebido em alcool de queimar. Na falta de alcool ou simplesmente por economia, emprega-se uma cebola que dá o mesmo resultado.

Corta-se uma cebola em duas partes e esfregam-se os vidros ou os espelhos, com uma das metades, o suco que se produz, permite fazer uma boa limpeza. Esfregam-se depois com uma pele de camurça embebida em água limpa e deixam-se secar sem limpar.

Nódoas de estearina ou cera: Tiram-se pondo sôbre a nódoa um papel mata-borrão e, passando-lhe por cima um ferro quente, se ainda houver mancha de gordura. Cobre se com pó de amido e depois escova-se.

De mulher para mulher

Indecisa: Está na peor situação em que se pode estar, a da indecisão. A pessoa indecisa faz certamente coisas que a prejudicam. Quanto ao resto não creia nessas opiniões, que são falsas. A moral é sempre uma e a mesma em tôda a parte o bem é um e o mal outro. Pode haver uma maior ou menor soberania da sociedade, mas para uma consciência escrupolosa, não é essa tolerância o que interessa.

Marieta: Agradeço e retribuo os seus bons desejos de felicidade para êste ano. Tem tôda a razão e agora mais do que nunca, deve acompanhar sua filha para tôda a parte. Assim fará o marido mais tarde uma boa opinião do senso e da seriedade da família em que entrou Faça o vesstido em veludo, fica sempre bem.

Alegre cotovia: Bem escolhido pseudónimo, a sua carta fez-me rir um bom bocado. Mas cautela com essas brincadeiras, olhe a borboleta em volta da luz como acaba por queimar as asas. Brinque, Seja tão simpaticamente alegre mas tenha cuidado, não se queimar...

Pensamentos

Só deve confiar-se um segrêdo àquele que numca tentou adivinhá-lo. — *C. Diane.*

A vingança que mais consola o espírito, e que melhor satisfaz o amor próprio é aquele que castiga o mal com o bem. — *Marquesa de Pomares.*

A MULHER MODERNA

A psicologia da mulher, em geral, é sempre um estudo dificilícimo em que os maiores pensadores, quando a êle se dedicaram, escorregaram em mil dificuldades.

E' sempre da maior dificuldade julgar em geral; em tôdas as épocas houve e haverá, mulheres de feitio moral completamente diferente. Houve e há de haver mulheres tímidas e mulheres ousadas, as que desmaiam ao ver um rato e aquelas que cheias de coragem praticam actos que orgulhariam o homem mais corajoso, mulheres inteligentes e mulheres que o não são, frívolas e ponderadas, é pois sempre difícil classificar a mulher duma época.

E' vulgar ouvir-se dizer a algumas meninas e senhoras: «Eu sou uma mulher moderna».

E o que é ser uma mulher moderna?

Tenho eu sempre vontade de perguntar, porque é difícil compreendê-lo e para cada uma tem esta frase um sentido absolutamente diferente que corresponde apenas àquilo que a senhora que o diz deseja ser.

Umas entendem que a mulher moderna é aquela que dedica a sua vida ao estudo, e, que prepara um futuro independente para a sua vida ou que já o tem pela sua situaçãa conquistada pelo seu esfôrço.

Algumas quando repetem essa frase tão repisada, são as desportistas, as mulheres, que passam a vida preocupadas com o treino dos seus músculos, nadam no verão, montam a cavalo, jogam o «tennis» e no inverno patinam e fazem «ski» percorrendo as estações de inverno num esfôrço contínuo de se tornarem célebes nas suas façanhas de desportistas.

Outras supõem que são a mulher moderna por excelência, porque gastam tôda a sua vida na idolatria da sua pessôa, no culto do seu corpo, desde pela manhã até à noite, é um único pensamento o que as guia a sua beleza ou o que julgam ser a sua beleza.

Ao abrir os olhos espera-as a maçagista, que tem por obrigação manter com a sua ciência as linhas dum corpo impecável ou corrigir os defeitos do que não é. A fome, porque quási a passam, mantem-nas no pêso ideal chegando a ter pesadelos quando sonham que adquiriram 5 gramas, que vem perturbar talvez o equilíbrio dessa maravilha que se julgam.

O instituto de beleza, o cabeleireiro, essas mil ocupações, que uma beleza que não é natural exige, levam as horas tôdas do dia e essa mllher moderna, quando acaba de estar feita, tem de se deitar estafada de ser bonita.

Não há tempo mesmo para ser admirada essa obra prima.

Há também a mulher que fuma, bebe e dansa para ser moderna e muitas há, que saindo do caminho direito e enveredando por torturosos caminhos onde destroem a felicidade e despedaçam a vida, o fazem convencidas de que são mulheres modernas e que o modernismo é a loucura. Isto não é justo para a mulher moderna ou para o ideal da mulher moderna. E' sempre muito difícil a perfeição e quando se consegue uma aproximação é já para a admirar e respeitar.

A mulher moderna para ser perfeita teria de ser muito completa e ter de tudo um pouco.

A instrução que lhe daria independência intelectual e muitas vezes material, o desporto que contribuiria para manter num justo equilíbrio o seu corpo com o seu espírito, os cuidados com a sua beleza, visto que se não póde imaginar hoje uma mulher descuidada, despenteada, com unhas mal tratadas e sem requintes na sua «toilette» e ainda uma mulher com juizo e com equilíbrio, uma mulher que compreendendo os seus direitos aceitasse os seus deveres, e, enfim uma mulher que o fôsse inteiramente, na sua alma e no seu coração.

Uma mulher que na sua dedicação ao fundar um lar, consciente do seu valor não hesitasse em viver a vida de espôsa e mãi sabendo sacrificar-se pelo homem que escolheu e pelos filhos, que vieram alegrar o seu lar.

Há mulheres que têem horror a ter filhos e que se julgam modernas por serem anormais, é um êrro, a mulher moderna ou antiga é sempre mulher e ser mãi é o seu destino natural.

Póde a vida deparar-se-lhe duma maneira diferente e deve então encarar a sua situação com a filosofia que a torna agradável e não fazer uma tragédia daquilo que ela poderia ser e não foi.

O modernismo carrega com muitas culpas que não tem, porque tôdas as que querem fazer uma tolice, seguir um capricho, ou a viver a seu gôsto atiram sôbre o modernismo as culpas do seu desequilíbrio, da sua loucura, ou do seu egoismo.

Nós estamos na verdade vivendo numa época de transição, numa época em que a vida convulsionada por ideias e sentimentos tão antagónicos se apresenta difícil e quasi angustiosa, mas à mulher compete um grande papel neste momento difícil. Ela tem de orientar a família, ela tem de ser a coluna que sustenta o lar, para não ser submergida no turbilhão, que a quer desvairar e arrastar para um abismo de falsas teorias.

Ser mulher moderna é muito mais fácil do que parece e muito mais difícil do que se julga.

A mulher inteligente e instruida que cumpre o seu dever e que sabe quais os seus direitos, que mantem na vida uma equlíbrio perfeito, que quando se casa é uma associada à vida do marido, que sendo sempre feminina nos monentos difíceis o acompanha com a maior coragem e energia, essa é a mulher moderna.

Aquela, que fuma cigarros que bebe «cocktails» que dansa a «rumba» e que se supõe moderna não o é, houve sempre mulheres que dansaram, fumaram e beberam, não eram senhoras, ou não o faziam em público era esta a única diferença.

Nada há de peor do que as frases feitas e esta da «mulher moderna» é um grande êrro.

Tôda a mulher que vive numa determinada época, a ela pertence e é a mulher moderna, dessa época, porque modernismo não é loucura.

Para mim a mulher moderna é aquela que sabendo aproveitar as vantagens que a sua época lhe trás, sabe manter dentro da mais perfeita linha de conduta o prestígio da sua personalidade, sem fraquezas e sem temores.

E' evidente que a mulher do século vinte não póde viver como viveu a do século dez.

A liberdade que a mulher hoje disfruta é muito grande, por isso é muito maior a sua obrigação de manter a máxima correção na sua vida.

A mulher moderna é aquela que aproveita tôdas as vantagens da vasta instrução que lhe está aberta e dos largos horizontes que a vida lhe põe em frente, sem deixar de ser bem feminina nos seus sentimentos, no seu amor ao lar, no seu carinho pelos seus, na sua feminilidade que se traduz pelo embelezamento da vida com a arte feminina; que se deve manifestar no cuidado pela casa no arranjo artístico do lar, na sua «toilette» cuidada e no equilíbrio moral e material da sua vida.

Os desequilíbrios, os exagêros, a mania de ser um modêlo de modernismo, são desculpáveis nas épocas de transição como esta que atravessamos.

Mas a verdadeira mulher moderna é aquela que há de surgir das novas gerações, que abriram os olhos, com a liberdade adquirida e que há de compreender o verdadeiro sentido da repetida e estafada frase: «Eu sou uma mulher moderna».

Maria de Eça.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Grémio de Trás-os-Montes

A favor da Obra de Auxílio a Doentes Pobres realizou-se na tarde de sábado 16 de Janeiro último, nos salões do Grémio de Trás-os-Montes, que se encontra instalado no Palácio Regaleira, ao Largo de S. Domingos, um «chá de caridade» organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual faziam parte Condessa de Cabral, Condessa de Castro Marim, D. Eliza Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Fernanda de Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Manuela Teixeira Bandeira de Melo (Rilvas), D. Maria Antónia Zanalleti Ramada Curto, D. Maria Emília Fontes Pereira de Melo Guedes Queirós, D. Maria Elena Mendoça Alves de Oliveira Neves, D. Maria Izabel Roldan y Pego Ramires, D. Maria Luiza Monteiro de Mendoça, D. Maria Luiza Roque de Pinho de Oliveira Monteiro, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha, Marquesa da Foz, D. Moniva de Vilhena e Vasconcelos, Viscondessa de Coruche, Viscondessa de Pernes e Viscondessa de Santarém, durante o qual se fez a passagem de modêlos de noite e de costumes de cap aval para crianças, da Casa Bobone, e os notáveis bailarinos Rut Walden e Francis, se exibiram em vários números de seu belo reportório, números de que deixaram na selecta assistência uma bela impressão.

No Politeama

Realizou-se na tarde de 23 de Janeiro passado, no Politeama, uma festa de caridade, organisada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Ana Rosa Fernandes, D. Elsa Nunes da Fonseca, D. Irene Arruda de Andrade, D. Izabel Gentil, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, D. Maria Camila Castelo de Almeida Fernandes, D. Maria do Carmo Lemos Seixas Castelo Branco, D. Maria Emília Cabral da Silva, D. Maria Joana Oom, D. Maria Joana Sarmento de Azevedo, Furtado, D. Maria José de Lencastre Correia Viana, D. Maria de Ornelas Monjardino, D. Maria Rita de Albuquerque (Mangualde), e D. Maria Tereza de Barros da Vosta Sacadura, cujo produto se destinava a favor da Associação de Enxoval de Recem-Nascidos, que constou de um explêndido programa de filmes.

O aspecto do salão nessa tarde era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reünidas grande número de famílias da nossa melhor sociedade.

Baile do Club Tauromáquico

Na noite de sexta-feira gorda, 5 do corrente, realiza-se nos vastos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, o tradicional baile de carnaval, organizado pela direcção desta elegante agremiação, sendo de esperar que, como os anteriores anos, o baile de sexta-feira 5 do corrente, seja revestido de extraordinário brilhantismo.

Na Costa do Sol

A estação de Inverno no Palácio Hotel do Estoril, começa agora o movimentar-se, chegando quási que cotidianamente grande número de estrangeiros, que vêm atraídos pelas nossas belas qualidades climatéricas. Actualmente encontram-se ali hospedadas as seguintes pessoas: D. Ramon de Oliveira Cezar e esposa, barão Sloet de Everio, Perez y Ezaguirre, baronesa de Glutz Ruchty, comandante C. Balsamo e esposa, Harold Forrest e esposa, Robert B. Paten e esposa, George Edwards Smith e filha, J. Ruys e esposa; F. F. Krassley e Jeipner; senhora de Neves da Cunha e filha, António de Lima Mayer, esposa e filhos, Charles Sanders Manuel Gomes Palma, Charles Fogg-Elliot, Artur Hutchinson, Jaime de Bettencourt Thompson, Matgan Heiskell, Gortland Wheeler, mrs. Clarice Gronlund, Artur Patrick, A. Bennett, J. Isterling, James H. Arnold, Lort-Philips e esposa e R. F. C. Hall e esposa, Lindsay Carlow e esposa, Bunting, e esposa, Henrique Dalforce, miss. M. Raife, miss. W. Dickson, miss. Dorothey De Jong, Jorge Bleck, miss. Violet Penney, miss. Margaret Verdon, miss. Towller, miss. Traw.

Nas Belas Artes

Como nos anos anteriores, haverá êste ano no vasto «hall» na sociedade Nacional de Belas Artes, nas tardes de domingo gordo e terça-feira de carnaval, festas infantis, seguidas de «chá dançante» levadas a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, havendo concurso de crianças mascaradas, com prémios de alto valor, sendo as festas abrilhantadas por duas exímias orquestras «jazz-band».

O vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, nas tardes de domingo gordo e terça-feira de carnaval, vai decerto ser elegantemente concorrido.

Casamentos

Na capela do palacete da residência dos srs. Marqueses de Lavradio, à Costa do Castelo, celebrou-se o casamento de sua gentil sobrinha a sr.ª D. Izabel de Almeida (Lavradio), filha dos srs. Condes de Lavradio, com o conde de Estarreja (D. Luiz), filho dos srs. Condes de Estarreja, servindo de Madrinha Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amélia de Orleans, que se fez representar pelo sr. Visconde de Asseca e de padrinhos os srs. Almirante D. Bernardo da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), e Conde de Manguarde, tio paterdo e primo materno do noivo, presidindo ao acto o reverendo prior de S. Cristovão, que no fim da missa pronunciou uma comovente alocução. Sua Santidade dignou-enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa do palácio, um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, que se encontram em exposição em uma das salas da aristocrática residência, para o norte onde foram passar a lua de mel

Na assistência à cerimónia recorda-nos ter visto as seguintes pessôas:

Marquês e marquesa da Praia e Monforte, marquês de Abrantes, marquês de Faial, conde e condessa da Ponte e filha, conde e condessa de Monte Real, conde e condessa de Seisal, condessa das Antas, conde e condessa de Estarreja e filha, condessa de Castelo Mendo, conde e condessa de Almada e Abranches, conde e condessa de Alpedrinha e Vila Flor, condessa de Sobral e filha, conde de Carnide, conde e condessa de Castelo Mendo (António e D. Rita), conde da Lapa, conde e condessa de Fornos de Algodres, conde e condessa de Vale de Reis, conde de Mangualde, visconde e viscondessa de Asseça, viscondessa de Santo Tirso, visconde e viscondessa dos Olivais, viscondessa de Pernes e filhas, visconde e viscondessa de Asseca (António e D. Luiza), visconde de Seisal, D. António de Lencastre e espôsa, almirante D. Bernardo da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela) e espôsa, dr. Ruy Ennes Ulrich, espôsa e filha, D. Heloisa de Morais Neves, D. João da Costa Sousa de Macedo (Vila Franca), D. João de Almeida e espôsa, D. Maria Teresa de Ornelas, Guilherme Ferreira Pinto Basto e espôsa, D. Maria de Lancastre Gil, D. José de Saldanha de Oliveira e Sousa (Rio Maior), Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, D. José da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela), dr. João de Magalhães e espôsa, Carlos Quintela (Farrobo) e espôsa, D. Assunção Perestrelo de Matos, dr. Costa Sacadura e espôsa, dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco e espôsa, Anibal Roque de Pinho (Alto Mearim) e espôsa, D. José de Castelbranco e espôsa, D. Maria Carlota de Bragança Corrêa de Sá, Daniel Lane e espôsa, Guilherme de Arriaga e Cunha (Carnide) e espôsa, Gabriel Bianchi e espôsa, Pedro Mendes da Silva e espôsa, Eduardo Valdez Pinto da Cunha e espôsa, D. Isabel Ferrão Sohedol, dr. Manuel Côrte Real e espôsa, D. Carolina Corrêa de Sá Pais do Amaral, António Corrêa de Sampaio e espôsa, João Sassetti e espôsa, D. Bernardo José da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela) e espôsa, D. Margarida Seabra de Oliveira, D. Pedro de Lancastre e espôsa, Alexandre Moreira de Carvalho, Virgílio Pereira da Silva, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Maria Lane Borges de Sousa, António Lino e espôsa, D. Patrocínia Lane, D. José da Câmara de Saldanha Oliveira e Sousa (Rio Maior) e espôsa, Francisco Corrêa Henriques (Seisal) e espôsa, Simão Lopes Ferreira, Paulo de Morais Palmeiro (Regaleira), D. Luiz Vaz de Almada, D. José Gil, dr. Francisco Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Ana Passanha, D. José e D. Salvador Vaz de Almada, D. Fernando Melo de Castro (Pernes), D. Segismundo da Câmara de Castelbranco, D. Miguel de Almeida, Francisco de Lucena, D. Pedro de Melo e Castro (Galveas), D. Sofia Corrêa Henriques (Seisal), D. Maria do Carmo de Morais Palmeiro (Regaleira), José Roque de Pinho (Alto Mearim), D Leonor Daun e Lorena (Pombal), Luiz e Salvador Braamcamp (Sobral), D. Madalena de Morais Palmeiro (Regaleira), Rui Corrêa Henriques (Seisal), D. Maria de Lourdes de Abreu da Costa Sousa de Macedo (Mesquitela) e Carlos de Vasconcelos e Sá.

A sr.ª D. Natalina de Azevedo Alcântara, e o sr. Albertino Laires Ferreira da Silva por ocasião do seu casamento, celebrado na paroquial de S. Sebastião da Pedreira e ao qual nos referimos no nosso n.º passado

Os ilustres donos da casa, e suas filhas, bem como os pais da noiva foram de uma cativante amabilidade pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

— Celebrou-se na paroquial das Mercês, o casamento da sr.ª D. Eugénia da Conceição Almeida Rodrigues, gentil filha da sr.ª D. Emília Pinto Redrigues e do sr. Lourenço Rodrigues Gomes, com o sr. António Fernandes Córado, filho da sr.ª D. Palmira Fernandes Córado, e do sr. Adolfo Fernandes Córado, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. Francisco Correia.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finissímo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Na Vila da Lixa, concelho de Felgueiras, celebrou-se na capela da Casa da Prelada, pretemcente ao sr. dr. Luís Soares de Freitas, o casamento de sua irmã a sr.ª D. Maria Eduarda Soares de Moura Macedo de Freitas, gentil filha da sr.ª D. Maria da Purificação Soares de Moura Quintela de Freitas, e do sr. dr. Eduardo Augusto Soares de Freitas, já falecidos, com o sr. dr. José Maria Martins Ribeiro de Moura Machado, já falecido, servindo de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Violentina Soares de Freitas, e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. Alberto Soares de Moura Quintela, tio da noiva e o dr. Eduardo de Moura Machado, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Alberto Pimheiro, amigo íntimo da família, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, semdo acolitado durante a cerimónia pelos reverrendos priores de Vila Cova da Lixa e Borba de Godim. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Serviram de caudatárias as sobrinhas da noiva meninas Maria Luiza Brandão de Freitas, Maria Emília, Maria da Conceição e Maria Eduarda Cabral da Costa.

Finda a cerimónia foi servido no salão de meza da Casa da Prelada, um finissímo lanche, segguindo os noivos, aquêm fôram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o sul do país, onde fôram passar a lua de mel.

D. Nuno.

Numa aula de instrução primária:
— Dê-me o exemplo de um substantivo.
— Um ôvo.
— Masculino ou feminino?
— Conforme.
— Conforme?
— Naturalmente se dêle sair um galo é masculino, se saír uma galinha é feminino.

■

— O Silvino é um médico engenhosíssimo. Chega a fazer maravilhas inexplicáveis,
— Essa agora!
— E' como te digo. Tirou-me o reumatismo do pé direito, e fez-mo passar para o joelho esquerdo.

■

Marido e mulher, por alguns dias de visita em Lisboa, esperam no Atêrro a passagem do carro do Dáfundo. Observação da mulher e comentário do marido:
— Muito depressa correm êstes *inlétricos*...
— E ainda assim vão presos pela parte de cima, porque se os soltassem!...

À PORTA DUM HOTEL

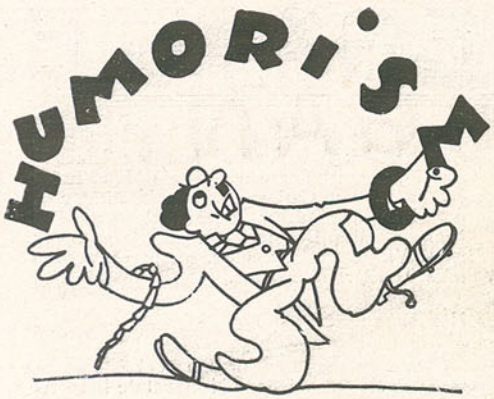
— O preço dos quartos?
— 1.º andar, 100$00 — 2.º andar, 80$00 — 3.º andar, 70$00.
— Muitó obrigado. Este hotel não é bastante alto para mim...

■

No tribunal.
— Diga-me, testemunha. ouviu os dois tiros?
— Ouvi, sim, senhor.
— A que distância estava quando deram o primeiro?
— Estava a três passos.
— E quando deram o segundo?
— A um quilómetro, se bem corri...

■

Um velho casára com uma senhora formosíssima, que lhe deu um descendente.
— E' o retrato do pai, diz classicamente a ama, mostrando às visitas o bébé.



— E' verdade — exclama baixinho uma amiga da mãi — é tal qual: calvo e sem dentes...

■

Num tribunal:
O juiz — O réu confessa ter abraçado e beijado a queixosa?
Réu — Confesso, sr. juiz. Mas declaro que estou profundamente arrependido de o ter feito.
— *Queixosa* — Insolente!

■

A filha do romancista, dando-lhe conhecimento dos seus amores:
— Aqui tem o retrato do meu noivo, papá. Conhecemo-nos há três meses, e já a semana passada cá veio a casa pedir-lhe a minha mão.
— Tenho melhor do que isso. Há oito dias comecei a escrever um romance em que se encontram pela primeira vez um artista e a filha de um banqueiro. Pois já casaram e têm três filhos...

■

Num exame da Escola Colonial:
— Qual é o principal produto da ilha de S. Tomé?
— O feijão.
— Não, senhor. Veja bem...
— A couve lombarda... o espargo francês...
— Oh, senhor! Pelo amor de Deus... O principal produto que exporta S. Tomé... Ora diga-me uma coisa. O que costuma o senhor beber tôdas as manhãs, quando se levanta?...
O aluno batendo com a mão na testa:
— Ah! já sei: vinho de Colares!

■

O chefe da repartição *(para o amanuense)* — Cá temos outra vez a mesma tolice! Pois não lhe tenho dito cem vezes que antes de fazer qualquer asneira, venha perguntar-me sempre como há de proceder?

■

Um indivíduo, que costumava almoçar ao meio dia em ponto, era visitado todos os dias, a esta hora por um amigo que se fazia convidado.
O importuno, dando-se ares de sabedor, levava sempre um assunto a desenvolver. Certa ocasião, falando de astronomia, afirmava:
— O sol que além se vê está tão alto, que se dele caísse uma pedra, gastaria muitos anos para chegar à terra.
— Não duvido — replicou o outro — mas se em vez de uma pedra o deixasse caír a você, às 11 e meia, estou certo de que chegaria aqui ao meio dia, para me comer o almôço.

A FORÇA DO HABITO

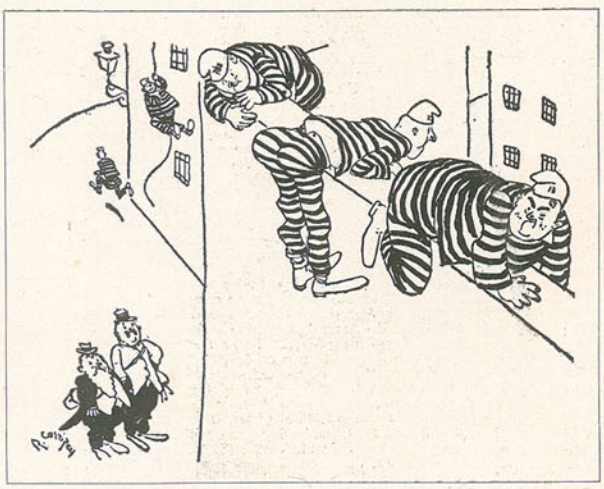
Em frente do portão gradeado do solar, um antigo criado, seguindo o seu velho hábito, espreita pelo buraco da fechadura, emquanto um outro o tenta afastar:
— Deixa-me também espreitar um bocadinho!

■

— Então os seus banhos de mar deram-lhe o resultado desejado, minha senhora?
— Deram, vai casar uma das minhas filhas.

■

Um pobre diabo entra num restaurante e pregunta os preços dos almoços e dos jantares.
— Almoços, 10$00 — jantares, 8$00
— Sirva-me um jantar.
— Mas se é meio dia apenas!
— Não importa. O estômago não conhece horário.



EM FRENTE DA PENITENCIARIA

— O que é aquilo?
— São os presos exercitando-se na evasão para o caso dum ataque aéreo.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 75

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

APURAMENTOS

N.º 66

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAD IRA
N.º 18

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

SILENO
N.º 19

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 16, Sepol; n.º 22, Magnate; n.º 7, Quim Mosquito

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate, X 505.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 19. — Rei Mora, 18. — Capitão Terror, 15. — Salustiano, 15 — Rei Luso, 15. — Só-Na-Fer, 15. — Só Lemos, 15. — Sonhador, 15. — João Tavares Pereira, 15. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 15. — Lamas & Silva, 12. — Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 9. — D. Dina, 9. — Lisbon Syl, 7. — Yzinha, 7. — Aldeão, 6.

DECIFRAÇÕES

1 — Jeito-toso-jeitoso. 2 — Cambo-bota-cambota. 3 — Berra-rata-berrata. 4 — Fala, cala, fila, fama, falo. 5 — Moscado. 6 — Emaciar. 7 — Desdenhoso. 8 — Levantado. 9 — Nomeada. 10 — Pasmoso. 11 — Revoga-rega. 12 — Falsete-falte. 13 — Carcavão-carvão. 14 — Sol. 15 — Volvo (VO (50) L (50) VO (50). 16 — À-faca-sola. 17 — Depor-portar-deportar. 18 — *Ella*. 19 — *Suspira*. 20 — O mal e bem à face vem.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) É *pescoço, cabeça* ou *cachimónia?* (2-2) 3.
Lisboa — *Dama Negra*

2) O que mais me *irrita* é não ter *nascido esperto*. (2-2) 3.
Lisboa — *Rei Vax*

METAGRAMA

3) *Olha* que a «*dansa*» mais *simples consome* os fracos! — Eu *encaro* êsse prazer como um dos mais nocivos. (4-5).
Lisboa — *Moreninha*

NOVÍSSIMAS

(Ao confrade Mr. Le Bossat)

4) Põe êsse *jôgo de cartas* de «*modo*» a ninguém me *enganar* na jogada. 3-1.
Luanda — *Dr. Sicascar*

5) *Nesta terra* é de *enfiada* que se apanha gente para formar uma *caravana de mercadores*. 1-2.
Luanda — *Ti-Beado*

6) Esta «*mulher*» fica com *pena* quando aparece com o rosto *afogueado*. 2-1.
Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

7) Deram-me um *tostão* pela *frigideira* ... 3-2.
Lisboa — *Bibi (Abexins)*

8) És um *inculto!* és um *pateta!* 3-2.
Lisboa — *Négus Veiga (Abexins)*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

9)
No feminino,
Grande encravanço,
Pois não me agüento
Nesse *balanço*.

No masculino
É mais suave,
Por parecer
Singela *ave*.

Mas aumentando,
Está resolvida
Certa questão,
E com *medida*.

Deminuindo,
Há quem suporte
Tôda a desgraça
Duma má *sorte*.

Lisboa — *D. Lica*

TRABALHOS DESENHADOS

16) ENIGMA PITORESCO

Lisboa — *Kardónis*

10) — Na nota nada se vê!...
— Veja bem, senhor, confira...
— Não encontro êsse porquê!
— Então, o êrro é *mentira!*
Lisboa — *Lord X*

11) Se entre dois zeros
Ponho quinhentos e um,
Não posso colher peros
E sim *rancor* e fartum.
Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

Historieta antiga e autêntica

(Ao ilustre confrade «Efonsa»... por brincadeira)

Se não foste tu foi teu pai...

12) Uma *história;* uma esperteza — 5-1-8-7
Africana, a que vão ler: — 9-5-3-1
A uma casa francesa
Foram «cabindas» fazer

O seu negócio. Ao *pagar* — 6-2-4-3
Ao prêto *desconfiado* — 7-3-2-9
Fêz-lhe o francês aceitar
Um val' de artigo esgotado

E que era de seu *desejo*. — 8-4-3-1
— «Depois pago... *Amigo* francês, — 9-5-4-8
Entretanto teve o ensejo
Do trespasse a outro gaulês.

Sem *pressa*, quando voltaram — 5-2-6-9
Os pretos para a cobrança
Contenda!... Não lhes pagaram — 3-4-5-1
— «Quem te deve foi p'ra França ..»

E deram *sorte* os lesados. — 6-7-4-9
Rumor... Gente a chegar... — 7-2-4-9
Grita o gentio, indignado:
— «*Os branco* tem que pagar!»

— «*Esta vale não é de ti?!*
«*E quem to manda vocês*
«*Falar língua de oui, oui,*
«*E pôr o bandeira francês?!*
«*É branco francês que deve,*
«*Você tem que pagar!* E teve!...
Lisboa — *Sileno*

METAGRAMA

13) Não ter *dó* dos pobrezinhos,
Cheios de fome e sem pão,
Aves perdidas, sem ninhos,
É bem não ter *coração*.

Desejar, pois, que a pobreza
Tenha menor sofrimento
É um gesto de beleza,
Com valor, *merecimento*. — (3-4)
Lisboa — *Laura Ensa*

NOVÍSSIMA

14) — Tão *gentil* e sedutora, — 4
Onde vai a Margarida,
Mal rompeu ainda a aurora?
— Vou tratar da minha vida...

— Tão cedo, de madrugada,
Que precisa de fazer?
— Que lhe importa? Nãotem nada
Que comigo se meter...

— *Falta à verdade*, bem vejo... — 2
Não se quere confessar...
— Sua paciência invejo...
É vontade de falar...

— Já *com graça* o Sol desponta
Lá longe, no horizonte...
Pequeno não sejas tonta...
Margarida vai à fonte...
Lisboa — *Luzi*

SINCOPADA

15) Só pela breve *ventura*
De teus lábios oscular
Cometeria a loucura
De ao *abismo* me lançar. — 3-2
Lisboa — *Moreninha*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 10.
Copas — R. 8.
Ouros — 7.
Paus — V. 8, 2.

Espadas — 7, 6. Copas — D. 7. Ouros — 9. Paus — 10, 7.	N O E S	Espadas — 9. Copas — 6, 5. Ouros — 10. Paus — 6, 5, 4.

Espadas — 8, 4.
Copas — 10, 9, 4.
Ouros — 8.
Paus — 9.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução)

S — D. *o*, *O* — R. *o*, *N* — 5 *e*, *E* — 4 *o* *N* — 10 *p*, *E* — 6 *p*, *S* — Á *p*, *O* — 8 *p*.

S joga V. e 10 de ouros, baldando-se *N* ao V. e D. de paus.

N corta 5 *p* e 4 *p* e *S* corta 4 *c* e 3 *c*.

Se *O* não entra do R. de ouro: *S* — D. *o*, *O* — 8 *o*, *N* — 10 *p*, *E* — 4 *o*, *S* — V. *o*, *O* — 9 *o*, *N* — V. *p*, *E* — 5 *o* *S* — 10 *o*, *O* — R *o*, *N* — 5 *e*; *E* — 6 *o* *N* — D *p*, *E* — 6 *p*, *S* — A *p*, *O* — 8 *p*.

N corta 4 e 5 de paus.

S corta 4 e 3 de copas.

Impostos sôbre gatos

Em Innsbruck, no Tyrol, tem-se, ùltimamente, travado uma feroz discussão entre os amigos e inimigos dos gatos.

Estes queixaram-se ao Conselho Municipal do número de gatos existente na cidade, e que diziam ser excessivo.

O conselho decidiu lançar uma taxa anual de determinada importancia sôbre cada gato, com o fim de lhes reduzir o número. Mas os amadores de gatos não se resignaram a aceitar tais condições sem protesto. Declararam que essa taxa era injusta e requereram às autoridades a imediata abolição de semelhante ordem.

Caso o seu requerimento não fôsse deferido, estavam na disposição de levar o caso para o Suprêmo Tribunal de Justiça, da Austria.

Divorciados aos cem anos

Dois centenários de Belgrado, um homem com 100 anos e uma mulher com 101, requereram, há pouco, o divórcio, por consentimento mútuo. O casamento tinha durado setenta e cinco anos, mas dêstes só os primeiros trinta, segundo afirmou o marido, tinham sido de perfeita harmonia entre o casal. Várias desavenças tinham, por interválos, perturbado os últimos quarenta e cinco.

As disposições artísticas de Hitler

Durante o tempo que permaneceu, o verão passado, no seu chalet dos Alpes bávaros, em Berchtesgaden, o Führer, por várias veses retomou os seus pinceis e pintou alguns quadros, como no tempo em que freqventava os cursos da Escola de Belas-Artes, em Munich.

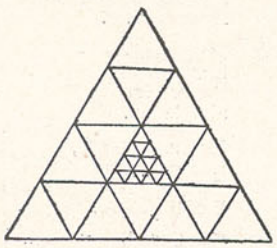
Ao saberem isto, houve coleccionadores americanos que lhe mandaram oferecer somas fabulosas para entrarem na posse destas suas ultimas produções.

Mas Hitler nem sequer respodeu a essas propostas.

Na América do Norte comemorou-se há pouco tempo, o centenário de Rojer Willians que foi um dos «pais» dos Estados Unidos, isto é, um dos primeiros colonos britânicos que se estabeleceu na América. Fundou no século XVII, a primeira colónia do Connecticut.

Quantos triângulos?

(Problema)



Entre maiores e mais pequenos, qual será o número certo de triângulos aqui representados?

O apetite dos anões

Os anões costumam ter um excelente apetite. Tom Ponce comia mais que Chang, o china gigantesco; e, regra geral, os homens de pequena estatura comem tanto como os que medem dois metros de altura.

Os gigantes disfrutam de pouco apetite. Uma vez que Chang se alojou num hotel de Chicago, o dono do hotel julgou que o gigantesco hospede comeria proporcionalmente ao seu tamanho, e pediu-lhe pela hospedagem o triplo do preço estabelecido aos outros hospedes; mas ficou admirado ao vêr que comia menos, quási, do que um homem de estatura regular. Mas em compensação tinha de unir três camas para construir uma, onde o chinês coubesse.

Em Londres exibiu-se há bastantes anos um grotêsco anão do Sul da América, que se fingia selvagem e comia diante do público carne crúa, grunhindo como se não soubesse falar; mas, acabava de se exibir, ia a um restaurante, pedia uma copiosa ceia à francêsa, lia um jornal espanhol, falava em francês com os criados e respondia em correcto inglês às perguntas dos americanos. O seu apetite era enorme. Pesava muito pouco mas comia como um elefante.

As árvores transplantadas

(Solução)

O proprietário arrancou as oito árvores que na gravura se vêem representadas por cruzes e tornou a plantar quatro, uma em cada canto, como também na gravura se vê, ficando assim, da mesma maneira, doze árvores de cada lado da casa e esta, no entanto, com mais espaço livre em volta dela.

Transformação dum número

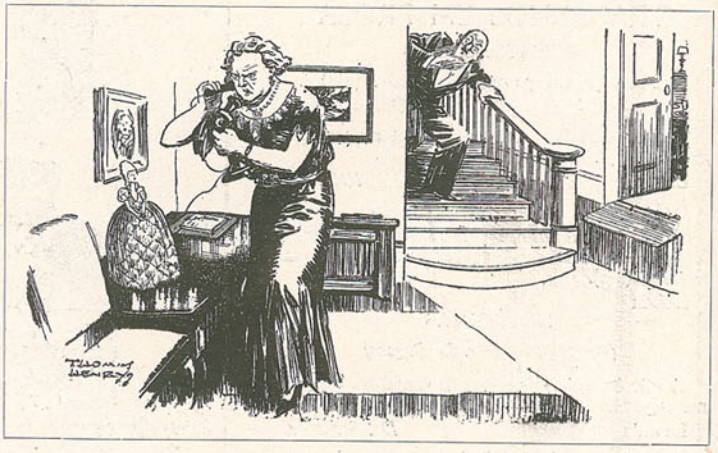
(Solução)

Escreve-se nove da seguinte forma: IX. Vira-se a página de baixo para cima e lê-se XI.

Aldeia pre-histórica na Criméa

Por uma expedição arqueológica da Academia das Ciências de Moscovo, que permaneceu muito tempo na Criméa de onde regressou nos meados de 1936, foram descobertos nas imediações da aldeia de Pika, situada perto do curso do Kacia, os restos de uma população pre-histórica com mais de 20.000 anos de antiguidade. Durante as excavações foram encontradas numerosas armas primitivas, objectos domésticos e várias inscrições em língua desconhecida, gravadas na pedra, que datam de 4.000 a 5.000 anos. Além dessas inscrições encontraram-se, também, diversos desenhos que representam cenas de batalha.

Efectuaram-se, igualmente, outras importantes descobertas em Kasakstan, onde a mencionada expedição arqueológica encontrou túmulos antiquíssimos, rodeados por um «altar de sacrifício», lugar em que se queimavam animais domésticos, segundo provam numerosos ossos calcinados enterrados naquele local. Na vizinhança do referido cemitério, viam-se também os restos de uma cabana subterrânea construida na idade do bronze, onde se encontravam uma faca e um jarro daquele metal e vários ossos espalhados.



— «Tóninho»? Não, menina, não é «Toninho» quem fala aqui. Enganou-se no número, com certeza. Não há ninguém chamado «Tóninho» cá nesta casa!

(Do «The Humorist»).

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

■

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . **Esc. 8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.° milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosália — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PRÉMIO RICARDO MALHEIRO (1936)

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

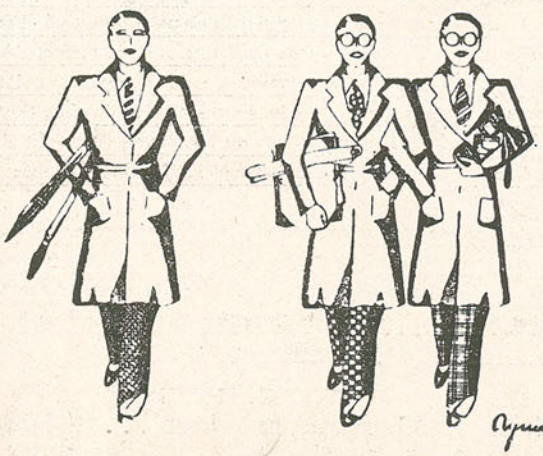
Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE 21308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança..... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imprescindiveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo ... 10$00
Cada vol., brochado ... 120$00
„ „ encadernado em percalina ... 160$00
„ „ „ „ carneira ... 190$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

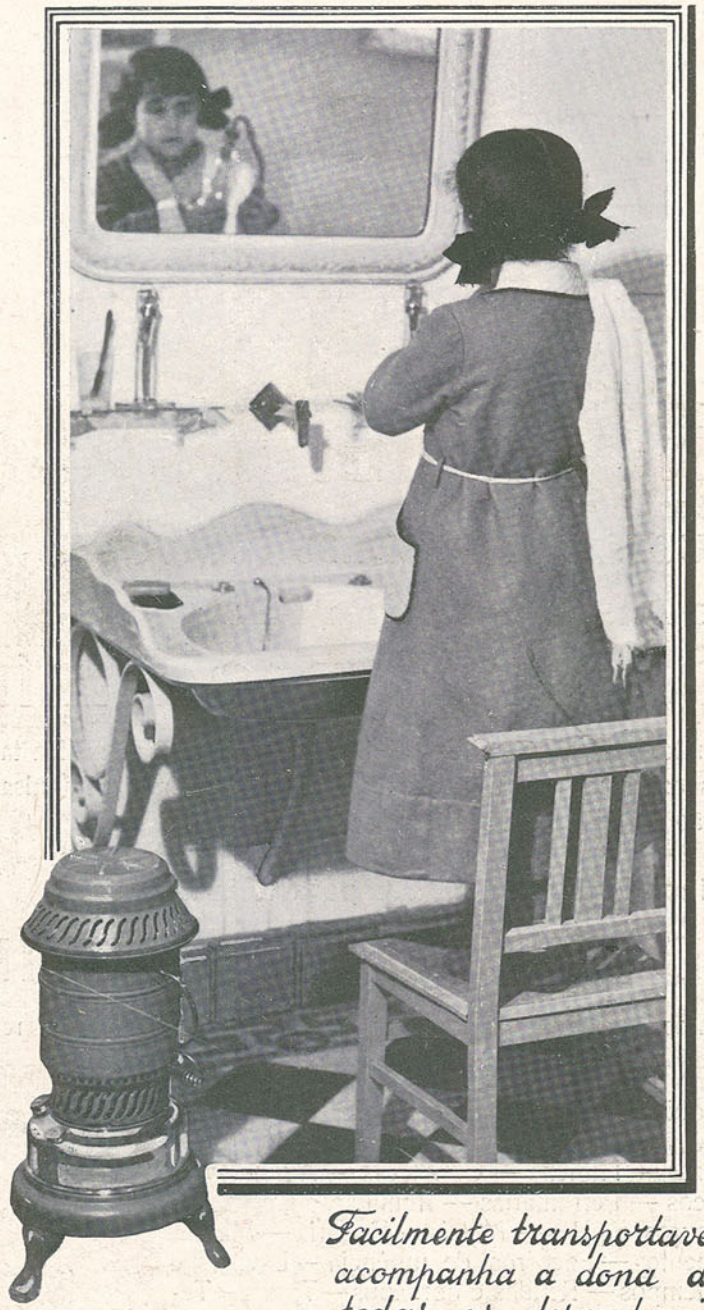
A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA



Facilmente transportavel, o Vacuum 99 acompanha a dona da casa em todas as dependencias do seu lar

Calorifero Vacuum 99

USAR SEMPRE
PETROLEO
VACUUM
SUNFLOWER

1575